

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

29 ABR/2020 - ANO 43 - Nº 2624 - R\$17,00



MISÉRIA NO BRASIL

Ela vai crescer brutalmente. O Banco Mundial diz que serão mais 5,5 milhões de pobres aqui



INTERVENÇÃO NA SAÚDE

Nelson Teich é tutelado no ministério e aceita que general divida com ele o poder



OS PLANOS DE SAÍDA

Como será a abertura do País após a pandemia e quais são as expectativas para a economia

ISTO É



O LÍDER DO PROTESTO

Cercado de faixas pedindo intervenção militar e a volta do AI-5, o presidente incita manifestantes



SE ISSO NÃO É CRIME DE RESPONSABILIDADE, O QUE É?

O PRESIDENTE BOLSONARO VIRA **UM ANARQUISTA NO PODER, PROMOVE BADERNA EM FRENTE AO QG DO EXÉRCITO, INCITA INTERVENÇÕES MILITARES, DESOBEDIÊNCIA CIVIL E, EM UM ARROUBO ABSOLUTISTA TÍPICO DE DITADORES, SE AUTOPROCLAMA A PRÓPRIA CONSTITUIÇÃO**

**DIVIDINDO
IDEIAS COM
O NOVO
COLEGA
DE TRABALHO.**
AVIR



Em tempos desafiadores, a gente descobre a capacidade que tem de reaprender. Muda o jeito de trabalhar, de se conectar com as pessoas e até de passar o tempo. O Bradesco também está se adaptando, aprendendo a reinventar o futuro com você.

**R E I N V E N T E
O F U T U R O .**

banco.bradesco/coronavirus



bradesco

O médico Dimas Covas, diretor do Instituto Butantan, acaba de assumir a coordenação dos testes de coronavírus no estado de São Paulo. É um cargo fundamental nesses tempos de pandemia. Sob seu comando está a plataforma de laboratórios de diagnóstico da doença, montada pelo governo do estado, que terá capacidade para realizar 10 mil exames por dia. Acaba de chegar da Coreia do Sul uma encomenda de 575 mil testes feita pelo Butantan. Participam da plataforma 38 laboratórios públicos e privados, entre eles o Instituto Adolfo Lutz, o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP e o Hemocentro de Ribeirão Preto. À frente da iniciativa, Covas pretende acelerar o processo de testagem e contribuir para impedir o avanço explosivo da Covid-19 no estado. Na quarta-feira 22, um passo importante foi dado: o governo conseguiu zerar a fila para realização de testes que contava com mais de 17 mil pessoas com amostras pendentes de análise. “A realização de testes em massa irá nos ajudar a ter uma fotografia dessa epidemia mais próxima da realidade”, disse Covas para a ISTOÉ. “E permitirá que as autoridades tomem decisões fundamentadas em fatos”

Por Vicente Vilardaga

“NOSSAS PORTEIRAS FICARAM ABERTAS PARA O **AVIR** VÍRUS”



POLITIZAÇÃO Para Covas, do ponto de vista técnico, não dá mais para questionar isolamento depois do exemplo chinês

Qual é a importância de se fazer testes em larga escala?

Os testes, seja o RT-PCR ou o teste de anticorpo, que aqui no Brasil é o chamado teste rápido, têm a finalidade de dar uma fotografia da epidemia. Não são os únicos indicadores, existem outros, como o número de mortes, a velocidade da disseminação, mas os testes, sem dúvida, são um importante indicador. Não é uma fotografia do dia, mas de duas, três semanas atrás, porque existe um atraso - o indivíduo se infecta, demora um tempo para a viremia (presença do vírus no sangue), depois aparecem os sintomas, aí ele procura um médico e colhe o teste. E os testes são importantes para você tomar medidas, para tentar entender como a epidemia está se comportando e informar os tomadores de decisão para que eles possam adotar providências.

Quais providências?

Principalmente essas medidas de afastamento social, mais ou menos intenso, dependendo da situação epidemiológica. E tem que prever a ocupação do sistema de saúde. Esse é um ponto importante, visto que o maior desafio que a epidemia tem causado nos vários países onde ela começou antes do Brasil é exatamente a sobrecarga do sistema de saúde. É nesse contexto que os testes são importantes. Existem estratégias diferentes porque existem dois tipos de teste, RT-PCR, que identifica o vírus e, portanto, serve para a fase aguda da infecção, para os indivíduos que têm sintomas. E o teste de anticorpos, aplicado em indivíduos assintomáticos, que vai positivar-se tardiamente. Para efeitos populacionais, para pesquisar o percentual da população contaminada, o teste rápido é importante.

Os testes no Brasil estão muito abaixo do necessário?

Sem dúvida nenhuma. Se você pegar a média dos países, você vai ver que poucos conseguiram fazer um número significativo de testes. Isso por vários motivos. Os Estados Unidos, há cerca de 20 dias, estavam com dificuldades porque não tinham testes. Esse é o primeiro ponto. Como houve uma demanda muito grande em termos mundiais, o insumo não está disponível na hora. Você compra e demora a chegar. Isso explica parte das dificuldades. O segundo ponto é a qualidade dos testes. Muitos testes, principalmente os rápidos produzidos em larga escala pela China, apresentaram problemas de qualidade.

O Brasil tem uma estratégia de testes?

No Brasil, até este momento, o teste de RT-PCR, pela norma



“Na média, poucos países conseguiram fazer um número significativo de testes. Houve problemas de oferta reduzida e de baixa qualidade”

do Ministério, está reservado aos pacientes que tenham manifestações clínicas graves, aos que estão internados, aos profissionais de saúde e aos óbitos. Em minha opinião, o patamar está baixo e tem que ser ampliado. Com relação aos testes rápidos, a gente também não tem uma política definida. O Ministério da Saúde começou a distribuí-los e ainda não sabemos exatamente se serão feitos em massa, para todos aqueles que quiserem fazer, ou se serão feitos por populações definidas, para poderem voltar mais rapidamente ao trabalho, como os próprios profissionais da saúde ou os funcionários de segurança pública.

Em São Paulo, a situação é igual?

Aqui no estado de São Paulo nós já temos um planejamento neste sentido. O governo comprou uma grande quantidade de testes RT-PCR. Foi feita uma importação da Coreia e já chegaram cerca de 575 mil testes de um total de 1,3 milhão. Isso serviu para dar um fôlego imediato, acabamos com a fila de testes e estamos prevendo uma capacidade ampliada para realizá-los, na medida em que a rede de laboratórios que foi constituída possa se qualificar.

E com relação aos testes rápidos?

Com relação aos testes rápidos, nós estamos recebendo alguns kits do Ministério e vamos ter também uma política de acompanhamento da epidemia. A gente vai acompanhar a população com um teste que detecta anticorpos, chamado de quantitativo, que quantifica os anticorpos e permite saber se o indivíduo está de fato imunizado, se ele consegue se proteger contra uma nova infecção do vírus. Vamos fazer um inquérito sorológico de acompanhamento com populações definidas por faixa etária e regiões geográficas, para ver como a epidemia evolui. Isso modelará as medidas de afrouxamento ou de intensificação do afastamento social.

Só nos resta o afastamento social?

É a única medida a ser tomada. É uma epidemia que não tem vacina, não tem tratamento efetivo e tem uma gravidade clínica importante. Os pacientes que são acometidos pela doença exigem internação, leitos semi-intensivos e UTI. Se nós não diminuirmos a velocidade de propagação do vírus com as medidas de isolamento social, fatalmente o nosso sistema de saúde será comprometido. Mesmo com esses acréscimos de leitos que estão ocorrendo com a construção de hospitais de campanha, se a velocidade de expansão do vírus for explo- >>

siva, o sistema de saúde será fatalmente atingido e o prejuízo é para todos porque os hospitais existem para tratar pessoas doentes, não só pessoas com coronavírus. Com uma epidemia de grandes proporções, você sobrecarrega todo o sistema de saúde e causa um colapso social. É o que aconteceu na Itália e na Espanha. É difícil até de acreditar que países desenvolvidos possam ter enfrentado situações tão complicadas.

O senhor se surpreende com a situação na Itália e na Espanha?

São países que têm uma estrutura razoável de saúde, são países menores e com uma população bem mais assistida. O Brasil é um país continental, que tem uma heterogeneidade muito grande, não só de concentração de pessoas, de densidade demográfica, mas também na estrutura de atenção de saúde. Nas regiões metropolitanas o risco é maior, principalmente nas periferias, onde existe um grande adensamento populacional, maior número de pessoas por habitação, menor infra-estrutura e menor recurso de saúde. Além disso, as pessoas precisam se mobilizar diariamente para conseguir o seu sustento.

Como o senhor avalia o isolamento nas periferias neste momento?

Quando se fala em isolamento social, é muito diferente falar para pessoas das classes A, B e C, que são pessoas que têm acesso à informação, que têm um nível educacional diferenciado, do que falar para as classes D e E, que têm mais dificuldades até para compreender a mensagem. Isso se fosse um ambiente tranquilo do ponto de vista da mensagem. Mas nós estamos no meio de sinais trocados. Enquanto os especialistas apontam a necessidade de isolamento, há toda uma corrente política dizendo que não pode ser assim porque isso vai trazer prejuízo econômico. Existe uma dicotomia de orientação. E nós vamos sentir o impacto dessa divergência daqui a três, quatro semanas, quando atingiremos a velocidade maior dessa epidemia e veremos, então, se estaremos preparados ou não.

A politização da pandemia atrapalha o bom desenvolvimento das medidas de controle?

Não há dúvida. E é uma discussão que outros países já fizeram antes do Brasil. Aqueles que foram pelo não isolamento se deram mal. Todos voltaram atrás e quando recuaram já era um pouco tarde e isso explica o grande número de mortos que estão tendo, como os Estados Unidos ou a própria Inglaterra, que voltaram atrás em sua política inicial. Tivemos vários exemplos de

países que voltaram atrás rapidamente porque o número de mortos disparou. Do ponto de vista técnico, não há mais que se discutir o isolamento depois do exemplo chinês. Mesmo com a maior população do mundo, a China conseguiu controlar a epidemia e evitar uma catástrofe.

Qual é o país que o senhor acha que está fazendo o melhor trabalho, que serve de modelo a ser seguido?

Você tem que aproveitar as experiências que deram certo em vários países e adaptar para nossa realidade. Por exemplo, um país que conseguiu, de uma certa forma, manter a epidemia sob controle até o momento foi a Coreia do Sul. Mas a Coreia iniciou as medidas preventivas muito precocemente e adotou uma política de isolamento dos casos bem no início da epidemia. Não só pela testagem, mas também pela medição de temperatura e pelo acompanhamento das pessoas que chegavam do exterior, fazendo o isolamento domiciliar. Isso funcionou. Mas tem que lembrar que a Coreia é um país, além de rico, com uma população pequena e extremamente disciplinada. É uma realidade muito diferente da nossa.

O governo brasileiro foi negligente?

Não tomamos nenhuma medida inicial de contenção. O vírus rodava o mundo e não tomamos nenhuma medida eficiente de identificação dos passageiros que chegavam, testagem desses passageiros e isolamento domiciliar. Nossas portei-
AVIR
ficaram abertas para o vírus. Aguardou-se o primeiro caso positivo e até então não se tomou nenhuma medida efetiva. Logo que esse primeiro apareceu já existiam milhares de pessoas contaminadas. Um caso positivo com transmissão comunitária representa dezenas de outros casos na população.

Dá para saber quantos?

Em média, um caso positivo representa 10% da amostragem. Na Itália, houve um cálculo de 9% da população e na Espanha

chegou a 15%. Nós chamamos isso de taxa de ataque. Se as medidas não forem tomadas no momento certo, você entra na transmissão comunitária e não consegue mais conter a epidemia. Só resta a mitigação. Há um esforço para identificar todos os sintomáticos e isolá-los, assim como seus contatos do isolamento domiciliar. Em relação a outros países essas medidas foram tomadas antes e isso nos deu um certo tempo para trabalhar na prevenção, comprar respiradores, e montar hospitais de campanha. Isso nos deu algum prazo, mas esse prazo agora está chegando no seu limite.

“A Coreia iniciou as medidas preventivas muito precocemente e adotou uma política de isolamento dos casos bem no início da epidemia”



Qual é o ciclo dessa epidemia, quando se chegará a um ponto de contenção?

Para chegar num ponto de contenção naturalmente, a epidemia teria que atingir mais de 50% dos indivíduos suscetíveis. Não estou dizendo a população em geral, estou dizendo os suscetíveis, que são os indivíduos que podem adquirir a doença e estão expostos. Se metade dessa população for atingida, a velocidade de reprodução cai progressivamente até o vírus parar de circular ou circular muito pouco. A epidemia é interrompida porque só encontra indivíduos imunizados.

É o mesmo efeito da vacinação?

Sim. Isso se chama proteção de rebanho, que é a mesma da vacinação. Você vacina exatamente para isso.

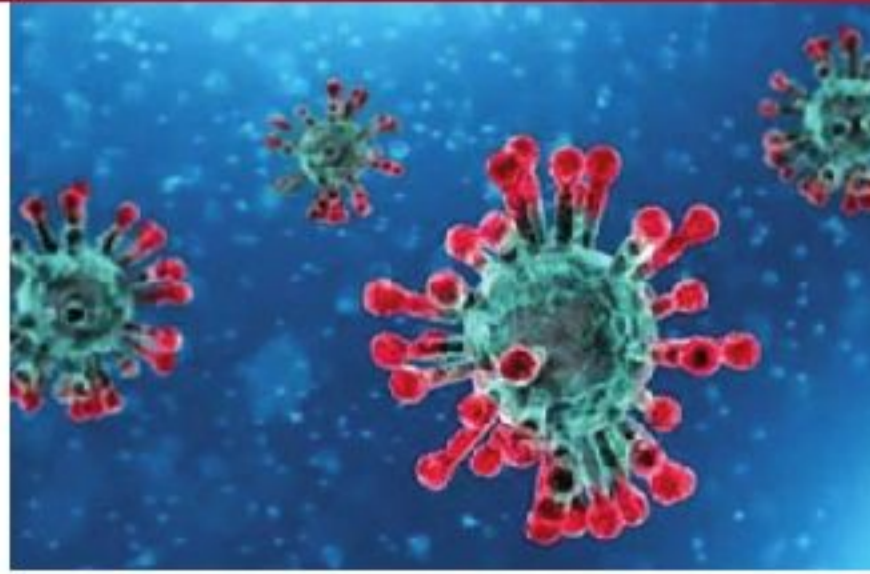
Quando você atinge índices de vacinação de 70%, 80%, 85% a doença não se instala. Ela não consegue se transmitir. Isso acontece com a epidemia natural. Se você não tem a vacina, a doença vai sendo transmitida até atingir um patamar elevado de contágio que impeça sua continuidade, a continuidade do ciclo. Na situação que estamos vivendo é um pouco diferente porque trata-se de diminuir a velocidade com que isso vai acontecer. O ciclo da epidemia é inevitável, mas o que se espera é reduzir a velocidade do contágio. Esticando isso no tempo, você consegue dar continuidade ao atendimento dos pacientes, aos pacientes graves e, ao mesmo tempo, a população vai adquirindo o vírus e desenvolvendo a imunidade.

Quando teremos 50% dos suscetíveis infectados?

O exemplo que temos da fase final da epidemia é o chinês. O vírus começou a circular na China em novembro. Os primeiros casos clínicos apareceram em dezembro. Demorou seis meses e agora ela está decaindo. São seis, sete meses de evolução da epidemia. Esse é o ciclo que se espera que a gente tenha.

E as vacinas, quando chegarão?

Existe hoje em torno de meia centena de vacinas em desenvolvimento no mundo que são promissoras. Algumas delas já estão na fase de estudo clínico e começam a ser aplicadas em pacientes. Esse é o ciclo normal de desenvolvimento. Você tem a vacina, faz o teste em animal, faz o teste em humanos para definir a segurança e, feito isso, vai para análise e registro. Só aí ela entra em produção. Esse ciclo demora normalmente três ou quatro anos para uma vacina normal. Nessa urgência mundial existe uma grande corrida: já há vacinas em fase adiantada



“Não sabemos se o coronavírus vai se comportar como o vírus da gripe, que muda rapidamente e todo ano volta, ou se vai desaparecer, como desapareceu o da SARS”

AVIR

de estudo clínico, mas mesmo que sejam eficazes e seguras, terão que ser produzidas em massa. E esse é o grande problema. No Butantan, onde se produz uma grande quantidade de vacinas para gripe todo ano, o ciclo de produção é de sete meses. Em menos de doze meses não teremos uma vacina. E esse prazo é otimista. Provavelmente para essa onda epidêmica nós não teremos vacina, teremos para as próximas ondas.

O senhor prevê outras ondas?

Tudo que está acontecendo com esse vírus é novo. A ciência está aprendendo coisas absolutamente novas sobre virologia com esse coronavírus. Não sabemos se ele vai se comportar como o vírus da gripe, que muda rapidamente e todo ano volta, ou se vai desapare-

cer, como desapareceu o coronavírus da SARS ou o da MERS. Se ele voltar periodicamente haverá necessidade da vacina. E mesmo que ele não volte agora, pode voltar lá na frente. Se tivéssemos uma vacina contra a SARS e a MERS, provavelmente ela poderia estar sendo adaptada para o novo coronavírus.

O que mais é novo nesse vírus?

Por exemplo, na própria Coreia e na China indivíduos que haviam sido considerados curados, apresentaram novas manifestações clínicas. Ou seja, a resposta imunológica provavelmente não é protetiva para 100% dos casos. Isso abre a possibilidade de ondas sucessivas de infecção. É uma preocupação. É preciso estudar isso rapidamente para verificar se é o vírus está adaptando ao organismo, por uma mutação, ou se é um comportamento dependente do hospedeiro, que sofre de alguma falha no sistema imunológico. Essa volta da infecção foge um pouco do modelo clássico.

A ciência brasileira pode contribuir de alguma maneira para controlar o novo coronavírus?

Não há dúvida. O Brasil tem um grande parque científico, profissionais competentes e muitos estudos sendo feitos. Mas nossa velocidade não é a mesma de outros países, como Estados Unidos, Inglaterra ou China. Em um desses países provavelmente serão feitos os grandes desenvolvimentos. O parque de ciência deles funciona muito rápido. Várias vacinas que estão sendo testadas foram desenvolvidas por grandes laboratórios que têm uma capacidade de produção científica em massa. Nós vamos obviamente dar contribuições importantes, isso sempre acontece com o Brasil, mas a escala é diferente. ■



FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

ISTOÉ

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES

DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
EDITOR EXECUTIVO: Marcos Strecker

EDITORES: Felipe Machado e Vicente Vilardaga

REPORTAGEM: Anna França, Eudes Lima, Fernando Lavieri,
Jo Pasquatto, Mariana Ferrari e Luisa Purchio

COLUNISTAS E COLABORADORES: Bolívar Lamounier, Cristiano Noronha,
Elvira Cançada, José Manuel Diogo, Luiz Fernando Prudente do Amaral,
Marco Antonio Villa, Mario Vitor Rodrigues, Mentor Neto, Paula Alzugaray
e Ricardo Amorim

ARTE

DIRETOR DE ARTE: Camilla Frisoni Sola

EDITOR DE ARTE: Arthur Fajardo

DESIGNERS: Benedito Minotti, Cibele Camargo e Wagner Rodrigues

INFOGRAFISTA: Gerson Nascimento

PROJETO GRÁFICO: Marcos Marques

ISTOÉ ONLINE: **Diretor:** Hélio Gomes **Editor executivo:** Edson Franco

Editor: André Cardozo

Reportagem: Alan Rodrigues, André Ruoco, Heitor Pires, Larissa Pereira,
Leticia Sena, Rafael Ferreira e Vinicius Moreira da Silva

Web Design: Alinne Souza Correa e Thais Rodrigues Ferreira Fernandes

AGÊNCIA ISTOÉ: **Editor:** Marco Antonio Ankosqui

Pesquisa: Salvador Oliveira Santos **Arquivo:** Eduardo A. Conceição Cruz

CTI: Silvio Paulino e Wesley Rocha

APOIO ADMINISTRATIVO

Gerente: Maria Amélia Scarcello **Secretária:** Terezinha Scarparo

Assistente: Cláudio Monteiro

Auxiliar: Eli Alves

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA

Diretor: Edgardo A. Zabala

Diretor de Vendas Pessoais: Wanderlei Quirino

Gerente Geral de Venda Avulsa e Logística: Yuko Lenie Tahan

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566 de 2ª a 6ª feira das 9h
às 20h30.

Outras capitais: 4002-7334

Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)

Assine: www.assine3.com.br

Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE

Diretor nacional: Maurício Arbex **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina

Oliveira **Diretora de Publicidade:** Ana Diniz **Assistente:** Valéria Esbano **Gerentes**

executivos: Andréa Pezzuto, Eric Prado e Luiz Sérgio Siqueira. **Coordenadora:** Rose

Dias **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante -

Gabinete de Mídia - **Tel.:** (79) 3246-4139 / 99978-8962 - **BRASÍLIA – DF:** Alessandra

Negreiros - **Tel.:** (61) 3223-1205 / (61) 3223-1207 - **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano -

Dandara Representações - **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 - **BELO HORIZONTE**

- **MG:** Célia Maria de Oliveira - **la Página Publicidade Ltda. - Tel./fax:** (31) 3291-6751 /

99983-1783 - **CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros - **Wem Comunicação - Tel.:** (19)

98238-8808 - **CURITIBA – PR:** Maria Marta Craco - **M 2C Representações - Tel./fax:**

(41) 3223-0060 / 99962-9554 - **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda - **Nordeste**

MKT Empresarial – Tel.: (85) 98832-2367 / 3038-2038 - **GOIÂNIA – GO:** Paula

Centini de Faria - **Centini Comunicação – Tel.:** (62) 3624-5570 / (62) 99221-5575

- **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Glanoni, Lucas Pontes - **RR Glanoni Comércio**

& Representações Ltda. - Tel./fax: (51) 3388-7712 / 99309-1626 - **RECIFE – PE:**

Abérides Nicéas - **Nova Representações Ltda. - Tel./fax:** (81) 3227-3433 / 99164-7948

- **INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria - **GSF Representações de Veículos de**

Comunicações Ltda. - Tel.: 55 (11) 99163-3062 **Marketing Publicitário – Gerente:**

Maria Bernadete Machado. **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Trés Editorial Ltda. **Redação**

e Administração: Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11)

3618-4200 - **Fax da Redação:** (11) 3618-4324. São Paulo – SP. Istoé não se respon-

sabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. **Comercialização:** Trés Comércio

de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP.

Impressão: OCEANO INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA, Rodovia

Anhanguera, Km 33, Rua Osasco, nº 644 – Parque Empresarial –

07750-000 – Cajamar – SP



Cartas



>> Capa

O mundo será outro. Nem daria para ser diferente. Tantas perdas nos ensinarão a sermos mais cuidadosos com a natureza e com todo o nosso planeta. “A nova ordem mundial” (ISTOÉ 2623)

Rodrigo Colli
São Paulo – SP

Nossas vidas de fato mudarão completamente quando passar a crise do coronavírus com tantos doentes e tantos mortos. Se vai mudar para melhor ou pior, isso não dá ainda para saber. Espero que as autoridades passem a governar de forma decente, tanto aqui no Brasil quanto em outros países.

Beatriz Santoro Silva
São Paulo – SP

A Terra precisa passar por uma mudança profunda. Os seres humanos não estão acreditando e levam tudo na brincadeira.

AVIR
Paulo Sergio Escobar
São Carlos – SP

>> BRASIL

Jair Bolsonaro fica medindo força com os seus próprios ministros, o que mostra a imaturidade emocional e a falta de ética do presidente. Já está difícil passarmos por essa pandemia e o presidente ainda fica com briga parlamentar.

“A troca do ministro” (ISTOÉ 2623)

Penelope Camargo
São Paulo – SP

O presidente da República do Brasil, Jair Bolsonaro, parece uma criança no poder.

Akson Pugh
Camaçari – BA

O presidente precisa buscar ajuda com profissionais, conselho a terapia. Assim, ele aprenderá a lidar com o seu próprio ego.

Ana Santos
Rio de Janeiro – RJ

>> COMPORTAMENTO

Achei a iniciativa ótima e defendo o uso mesmo após a pandemia. Seria interessante para monitorar presídios e os membros dos três Poderes. Só assim saberemos aonde andam as autoridades nos dias em que deveriam estar trabalhando e não estão. “Big Brother da Covid” (ISTOÉ 2623)

Fernando Gropp
São Paulo – SP

Não vejo problema algum com o monitoramento. Não me incomoda. Devem ficar incomodados aqueles que têm alguma coisa para esconder. Não é o meu caso.

Marisa Almeida
São Paulo – SP

Já somos monitorados o tempo inteiro, seja aqui ou em qualquer lugar do mundo. Com a tecnologia estamos conectados o tempo inteiro.

Adriana Rosa Vieira
São Paulo – SP

Cartas para esta seção, com endereço, número do RG e telefone, devem ser remetidas para: Diretor de Redação, ISTOÉ, Rua William Speers, 1.088, Lapa, São Paulo, CEP 05067-900. FAX: (11) 3618-4324. As cartas poderão ser editadas em razão do seu tamanho ou para facilitar a compreensão.
CORREIO ELETRÔNICO: cartas@istoe.com.br

MEDIDAS FORAM TOMADAS PARA REDUZIR O CONTÁGIO À COVID-19 NA INDÚSTRIA.

Toda a indústria está focada para o crescimento do Brasil e para a geração de empregos.

Sem deixar a saúde dos trabalhadores comprometida.

Por isso, estamos iniciando uma série de orientações aos nossos trabalhadores para diminuir as chances de contágio à COVID-19.

Como campanhas de conscientização e de higiene dentro da indústria e medidas psicossociais para os trabalhadores.

Porque a nossa força está em cada trabalhador e sua família.

ACESSE
portaldaindustria.com.br
E SAIBA COMO A
INDÚSTRIA AJUDA VOCÊ.

VAMOS JUNTOS
SUPERAR
ESSA CRISE.

A INDÚSTRIA NO COMBATE
À COVID-19.



AVIR



Instituto Euvaldo Lodi
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA



Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
PELO FUTURO DO TRABALHO



Serviço Social da Indústria
PELO FUTURO DO TRABALHO



Confederação Nacional da Indústria
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

O ARROUBO

“Eu sou a

O delírio absolutista padrão Bolsonaro foi consagrado nessa semana com a já célebre frase que entoou à frente de seu Palácio, se autoprojetando como uma espécie de Rei Sol: “Eu sou a Constituição”, bradou diante da arraia miúda de veneradores idiotizados que rotineiramente fazem campana a sua porta para ouvir mais estultices. Por certo esquizofrênica, já que não guarda nenhum nexos com a realidade, a cantilena do “mito” reforça e desfralda os impulsos totalitários, hoje de conhecimento até das inertes pedras do Planalto. Desconsidere o vitupério. Nem Messias se aproxima do rei francês Luis XIV, que professou “O Estado Sou Eu” (no original, “L’Etat c’est moi”), muito menos nossa Carta Magna se presta à encarnação personalista que o capitão tenta fazer dela. Pelo bem geral da Nação, a Constituição acordada entre os brasileiros em 1988 materializou-se num pacto democrático ao qual TODOS se submetem, o presidente inclusive. Portanto, não capitão, a Constituição não é o senhor. Ela se sobrepõe, estando acima de sua figura, regendo e orientando seus passos, vigilante até aos seus desvios, como aos de qualquer outro cidadão. Ninguém está acima da Lei, nem é a própria Lei, como se pretende o patético mandatário que busca subverter a democracia. E ainda bem que a Carta existe para refrear tamanha cólera ditatorial, tantas vezes demonstrada aqui, acolá. Que seja usada, o quanto antes, para colocar as coisas no seu devido lugar. Hoje não existe mais quem possa manifestar surpresa diante das caudalosas provas de crimes de responsabilidade praticados por Jair Bolsonaro, reiterando afrontas ao Estado de Direito e ao posto que ocupa. Inúmeros são os atos de insubordinação à ordem constituída no prontuário de delitos do capitão. No fatídico domingo 19, da carreata dos insanos, ele, no entanto, perdeu de vez as estribeiras. Usando a portaria do quartel-general do Exército, conhecido no setor militar pela alcunha de “Forte Apache”, trepou numa caçamba de caminhonete e, em mangas de camisa, buscou liderar um arremedo de comício como a conchamar manifestantes à guerra. “Nós não queremos negociar nada. Queremos é ação pelo Brasil. Acabou a época da patifaria. Agora é o povo no poder. Lutem pelo Brasil”. No protesto de viés claramente golpista, que pregava o fechamento do Congresso e do STF e a volta do AI-5, Bolsonaro agrediu até o bom-senso. Da boca do mandatário da República, chefe do Executivo e comandante em chefe das Forças Armadas o que se ouviam eram palavras típicas de um anarquista, agitador sindical ou do que o valha. Não havia liturgia do cargo ou respeito ao Legislativo e ao Judiciário que modelasse o tom do orador. A turba de

agitadores ostentava inúmeras faixas pedindo intervenção militar, gritavam a favor de ataques às instituições e em nenhum momento ele pensou em ordenar que os cartazes de insurgência a sua frente fossem baixados ou repreendeu as palavras de ordem golpistas. Não havia incômodo do capitão com nada. Apenas êxtase com a algazarra dos delinquentes daquele domingo. Compartilhava e compactuava dos mesmos desejos. Embalava-se no anseio de mandar e impor, sem dar espaço aos poderes moderadores, aos freios e contrapesos da democracia. Bolsonaro, já deixou claro, não aceita ser limitado por ninguém e tem um entendimento muito raso do que seja governar. Daí as transgressões em cadeia. Prefere jogar para a plateia, como cortina de fumaça de suas notórias inabilidades. Ante a peste da Covid-19, preferiu escolhas irresponsáveis, menosprezou a devastação da doença, insuflou a desobediência ao isolamento sugerido pelos médicos, pelas organizações mundiais de saúde e por seu próprio ministro. Não gostou, quando contrariado. Demitiu. Deu show de incompetência, sabotando os esforços para conter a pandemia e, quando informado de estar perdendo base de apoio pelas sandices, procurou mais uma vez a zona de conforto dos conflitos e provocações. É só aí que sabe atuar. Com uma retórica belicista e horizonte mental limitado, não vai além de ideias como a de proibir radares de trânsito e dispensar cadeirinhas na condução de crianças nos carros. Sujeito primitivo no comando do País, não consegue também entender que são nulas as possibilidades de aventuras autoritárias. Na encenação do protesto do domingo, em pleno dia do Exército, numa simbologia que buscava ingenuamente passar o recado de ter o apoio da caserna a seus arroubos, rompeu uma barreira que mesmo os generais mais graduados ficaram constrangidos de presenciar. Estava ali o próprio mandatário conduzindo um ato que, na prática, desqualificava o próprio poder militar – cuja missão precípua é a de zelar pela ordem. Bolsonaro logrou fazer do coração do comando fardado um palanque político, numa ousadia que nem mesmo João Goulart, no seu célebre discurso da Central do Brasil (ao lado do antigo quartel do Exército), superou em provocações do gênero. As reações vieram em série. Mesmo das próprias forças militares. Dos ministros do STF aos presidentes da Câmara e do Senado, diversas instituições civis, como a OAB, do Ministério da Defesa, que soltou nota posicionando as Forças Armadas “sempre obedientes à Constituição”, até o procurador-geral da República, Augusto Aras, que encaminhou pedido de abertura de inquérito para apurar as responsabilidades na organização das manifestações, todos os setores

AUTORITÁRIO

Constituição”

se posicionaram em franca discordância ao ocorrido. Os quatro generais ministros da cúpula do Planalto pediram ao chefe da Nação uma reunião de emergência para tratar da crise e pedir moderação. Bolsonaro havia conseguido, dessa vez, a proeza da unanimidade contrária a ele. Aquiesceu e, no dia seguinte, como de costume, buscou contornar. Depois de avalizar as distopias com a presença e liderança do ato, se fez de rogado, desentendido, e alegou tratar-se de uma simples mobilização pela volta ao trabalho. Faz pouco caso da inteligência alheia, talvez medindo-a pelo próprio metro. No momento seguinte ao protagonismo indevido, redes sociais

foram tomadas pelas milícias digitais com ataques aos alvos preferenciais do presidente – de Maia a Alcolumbre, passando pelo Judiciário, ninguém escapou à habitual ladainha dos robôs, replicada pela minoria de fanáticos adoradores do “mito”. O processo é conhecido e manejado. O capitão candidata-se a caudilho tal qual tentou, lá atrás, o coronel venezuelano Hugo Chávez. Do mesmo modo, sem apreço algum pela democracia, Chávez foi procurando minar diariamente instituições. Criticava adversários, mídia, parlamentares, para depois consagrar o seu projeto de poder. No Palácio de Miraflores, cercou-se de militares – qualquer semelhança não é mera coincidência, ao menos não na mente perturbada do caudilho bananeiro – e diuturnamente

estimulou a polarização, desancando Justiça, partidos e opositores ao regime. Prendeu, expropriou, destruiu um país inteiro. Nos discursos, o venezuelano dizia que, com ele, o povo estaria no poder. Que ele é o povo. Lembra de algo? Seguindo na mesmíssima trilha, Bolsonaro mostra-se previsível na tentativa de um populismo tropical barato. No domingo, antes mesmo da anarquia engendrada, rumou para um lanche com os três filhos mais velhos, um senador, um deputado federal e um vereador licenciado. Deixou-se fotografar comendo milho

e ketchup, tendo como cenário de fundo um quadro de metralhadora AK-47. Mais tarde, já em casa, vestiu camiseta amarela, bermuda e chinelos. Aboletou-se numa cadeira e tratou de assistir às “denúncias” do encalacrado aliado, Roberto Jefferson, que, sem prova alguma, falava de um plano diabólico montado pelo deputado Rodrigo Maia para tirá-lo da Presidência. Cada cena milimetricamente filmada. A patética opereta entre os dois servia ao intento corriqueiro: acionar o gabinete do ódio para disparos em massa de posts, enxovilhando ainda mais a reputação do rival que comanda a Câmara.

Novidade zero. O “mito” em pessoa, na sua ânsia blogueira de quem se pauta pela esgotosfera, tratou de publicar em suas redes sociais a fala do “denunciante”. Ao lado dela, lançava fotos sobre a carreata da vergonha que, ilegalmente, rompia a quarentena. Eis Bolsonaro em estado bruto. Agindo como moleque insensato. Desconfortante é enxergar a apatia nas instituições que, embora manifestem repúdio aos rugidos golpistas, ainda reagem brandamente ao lidar com as insolências do capitão. Na própria petição para investigar “fatos delituosos envolvendo atos contra a democracia representativa brasileira”, algumas falhas são anotadas. A começar pelo pedido de sigilo do processo – o que não cabe, segundo boa parte dos juristas, por se tratar de fato de

interesse público. O episódio foi praticado à luz do dia, filmado e resta também apurar o que o presidente em pessoa estava fazendo por lá e como participou dos atos. Basta ouvir as gravações e imagens para entender. A generalidade da investigação não leva a bom termo. Antes mesmo de toda essa balbúrdia, o vice-presidente, general Hamilton Mourão, foi indagado sobre como estavam indo as coisas. Ao que respondeu: “tudo sob controle, só não se sabe de quem”. Dá para entender agora do que ele estava falando. ■



por Felipe Machado



A seguir: Germano Oliveira, Vicente Vilardaga, Antonio Carlos Prado, Marcos Strecker

UMA UTOPIA NO FIM DO TÚNEL

Falamos sobre “distopia” há tanto tempo em livros e filmes que eu imaginava que estaríamos mais preparados quando ela enfim se tornasse realidade. Não estamos. O grande problema com essa pandemia é que foi tudo muito rápido. De manhã, o sol brilhava normalmente. À noite, o mundo parou. A maior decepção foi constatar que esse futuro imposto à força nos trouxe, em vez de carros voadores e robôs, apenas versões mais pobres de nós mesmos – e de pijamas.

Pensei em abordar outro tema nessa minha coluna de estreia, mas como fugir do coronavírus? Ele está em todo lugar, em todas as conversas. Onipresente como um deus, traiçoeiro como um demônio. Assim como o HIV puniu o sexo, a Covid-19 contaminou o afeto. Não podemos chegar perto ou abraçar quem amamos. É um vírus que destrói não apenas pulmões, mas, infelizmente, nossos corações.

Vamos sobreviver? Claro que sim. A gente se adapta. Quem tenta planejar o amanhã, porém, não sabe exatamente como será o “dia seguinte”. Sim, porque esse conceito supõe uma manhã em que abrimos os olhos e percebemos que a bonança venceu a tempestade. Até termos uma vacina, não sei como isso será possível. Vejo um festival de rock na TV e me pergunto: nos reuniremos assim novamente? Carnaval em Salvador? Réveillon em Copacabana? Terei coragem de abraçar um estranho

em um estádio lotado, quando meu time fizer gol? Tudo já remete a um passado distante, como a época em que fumávamos no avião ou não usávamos cinto de segurança. Teremos que reaprender a compartilhar o espaço com outros seres humanos, sem temer o poder destruidor de um simples espirro na multidão.

Enquanto o amanhã do dia seguinte não vem, sugiro uma atividade prosaica: ver fotos antigas. Outro dia, ao ver a imagem do meu pai em um restaurante, liguei para minha mãe: “Vou pedir o Tagliarini que ele tanto amava”. Ela fez a

O grande problema com a pandemia é que foi tudo muito rápido. De manhã, o sol brilhava normalmente. À noite, o mundo parou

mesma coisa. A memória gastronômica é uma das razões pelas quais vale a pena estar vivo. Temos que salvar os restaurantes que, de certa forma, nos ajudam a ser quem somos.

O telefone é hoje meu melhor amigo. Acho o termo “distanciamento social” errado. Estamos longe fisicamente, mas manter “distância social”, nunca. E não há nada mais social do que uma longa conversa no telefone. Nada de calls ou vídeos: apenas a voz de um amigo. Pode ser a emoção falando, mas após um bate-papo sempre renasce a esperança. Depois de tanta distopia, é bom imaginar uma utopia no fim do túnel.

por

OS FUNDOS DE PENSÃO E A COVID-19

Quais são as incertezas para os participantes dos fundos de pensão fechados neste momento de crise? Infelizmente, são tantas incertezas, que não temos espaço suficiente neste artigo. Por isso, vou citar apenas três exemplos:

Primeiro: os fundos de pensão não seguem o novo código civil e somente os seus herdeiros legais são beneficiários do seu plano. Ou seja, se você morre, por exemplo, de coronavírus e é solteiro, divorciado ou viúvo e tem dois filhos, sendo que um maior de idade e outro menor, por incrível que pareça, todos os seus recursos vão para o menor de idade e nada para seu outro filho.

A segunda incerteza é que os fundos de pensão não precisam divulgar e publicar seu retorno diário e informações gerenciais e contábeis para o mercado com a mesma clareza como qualquer outro fundo de investimento aberto no Brasil faz no site da CVM. Ou seja, neste momento de pandemia e oscilações bruscas nos retornos dos ativos, nenhum participante sabe quanto está ganhando ou perdendo de dinheiro. Incrível, não é?

Além de ter que esperar para descobrir como o fundo se comportou

No Brasil o sistema arrecada muito e gasta pouco



A seguir: José Manuel Diogo, Ricardo Amorim, Luiz Fernando Amaral, Bolívar Lamounier

na crise, muitos fundos fechados impõem regras em que o participante só pode optar pelo perfil do investimento em determinados meses do ano. Ou seja, se você – participante – precisa mudar o seu perfil de investimento, lamentamos informar que talvez o seu fundo só permita que isso seja feito em alguns meses pré-determinados.

Para terminar, qual o propósito e objetivo desses fundos? Será que eles são um bom investimento ou instrumento de longo prazo nessa nova ordem social, onde a relação que temos com o trabalho mudou completamente? Explico: com o aumento da expectativa de vida e maior competitividade no ambiente de trabalho, aquele modelo pós-revolução industrial, onde primeiro estudávamos, depois trabalhávamos e por último descansávamos, acabou por completo.

O problema é que, no Brasil, as propostas lançadas pelos fundos de pensão ou entidade de classes são sempre com o objetivo de aumentar a arrecadação e baseadas na estratégia de Bismark de 1881, quando as pessoas morriam antes de se aposentar (mas contribuía). Por exemplo, na Itália, em 1919, quando o sistema de aposentadoria foi introduzido, a idade mínima para os homens era de 60 anos e das mulheres 55, mas a expectativa de vida da época era de 48 anos. Ou seja, o sistema arrecadava muito e gastava pouco e, como sabemos, essa não é mais a realidade. Os gestores e reguladores dos fundos de pensão podem aproveitar este momento de crise para promover as mudanças necessárias para uma maior transparência e alinhamento com seus participantes.



A seguir: Marco Antonio Villa

COVID-19: VÍRUS HOBBIANO

A grande obra de Thomas Hobbes (1588-1679), *Leviathan*, foi publicada em 1651. Nela, o pensador inglês introduz a lógica do estado de natureza, uma condição hipotética em que não há poder comum para controlar os indivíduos, nem lei, nem a coação da lei. Nesse mundo hipotético, haveria uma tensão entre o desejo de preservar a liberdade, vantajosa no estado de natureza, e o medo da violência e da guerra, que, logicamente, o próprio estado de liberdade absoluta e de completa igualdade produz.

O homem civilizado quer sair dessa condição, mas, ao mesmo tempo, desejava preservar os direitos que lhe eram dados no estado de natureza, particularmente a liberdade para usar o próprio poder como quisesse. Segundo Hobbes, foi a transformação do estado de natureza em sociedade civil, expressa num Estado soberano por meio de contrato, que fez surgir neste mundo qualquer forma de sociedade.

Hoje, não apenas no Brasil, mas no mundo inteiro, vivemos uma situação real de tensão entre duas concepções. Uma, mais preocupada com os impactos econômicos causados pela pandemia do novo coronavírus, que pode ser a lógica do estado de natureza, onde é cada um por si, todos voltam ao trabalho e retomam suas vidas; outra, que defende o isolamento social, que nos priva dos contatos presenciais e limita nossa liberdade de ir e vir, com o propósito maior de proteger uns aos outros e salvar vidas.

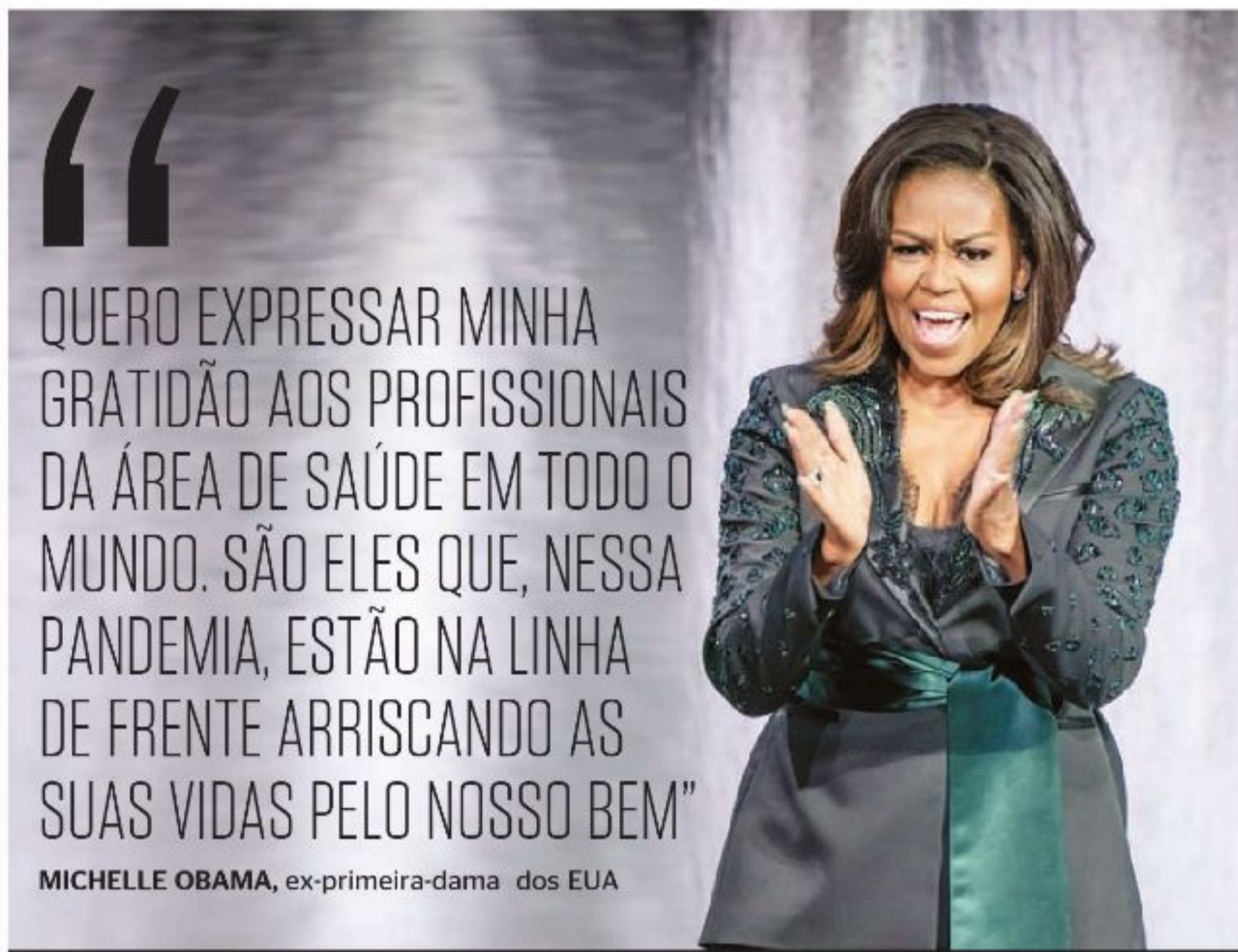
A diferença entre o modelo de Hobbes e o que temos hoje é que aquela situação por

ele descrita era hipotética. Já o dilema que muitas nações enfrentam agora é real. Além disso, já temos um Estado constituído, ao contrário do estado de natureza hobbesiano. E como se não bastasse ter que enfrentar o medo da contaminação e todas as outras consequências nefastas da pandemia, a população assiste, atônita, às lideranças políticas se perderem em disputas políticas, contestando, sem conhecimento, conclusões científicas.

A lentidão com que tantas lideranças políticas têm enfrentado a pandemia vem acentuando críticas aos regimes

Os políticos não estão preparados para enfrentar a pandemia. Colocam as disputas políticas acima das conclusões científicas

democráticos. Sondagem realizada em fevereiro pelo Centro de Pesquisas Políticas (Cevipof), quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) já havia definido essa epidemia como uma “emergência de saúde pública de âmbito internacional”, 41% dos franceses concordaram que “na democracia nada avança; seria melhor menos democracia e mais eficácia”. Entre tantas responsabilidades e desafios que as autoridades enfrentam, está o de agir no sentido de preservar o estado democrático. Nessa linha, vale lembrar a frase de Winston Churchill: “A democracia é a pior forma de governo, com exceção de todas as demais”.



“
QUERO EXPRESSAR MINHA
GRATIDÃO AOS PROFISSIONAIS
DA ÁREA DE SAÚDE EM TODO O
MUNDO. SÃO ELES QUE, NESSA
PANDEMIA, ESTÃO NA LINHA
DE FRENTE ARRISCANDO AS
SUAS VIDAS PELO NOSSO BEM”

MICHELLE OBAMA, ex-primeira-dama dos EUA

“EU
SOU A
CONSTITUIÇÃO”

JAIR BOLSONARO,
presidente
do Brasil,
comparando-se,
a grosso modo,
com o ex-rei da
França Luís XIV,
que declarou:
“o Estado
sou eu”

“PARA DERRUBAR
O PRESIDENTE
BOLSONARO, SÓ
SE FOR A BALA”

ROBERTO JEFFERSON,
presidente do PTB, já
historicamente
desmoralizado por
corrupção: um dos chefes
e delator do mensalão
e líder da tropa de choque
de Fernando Collor



“Quando eu era menino,
pensava sempre que podia
ser caminhoneiro. Adorava
ver os caminhões subindo
as ruas em Cachoeiro
do Itapemirim”

ROBERTO CARLOS,
cantor e compositor,
relembrando a infância na cidade
capixaba aonde nasceu



No site da **Vivo** você faz tudo: assina Vivo Fibra, recarrega seu pré com bônus de internet, contrata planos móveis com a maior cobertura do Brasil, compra smartphones e acessórios com frete grátis e ainda contrata planos para sua empresa.



"ESTOU VIVO. O RESTO É O RESTO"

RAUL CUTAIT, um dos mais competentes cirurgiões do País, ao receber alta da internação a que foi submetido por ter contraído a Covid-19

"Com os ataques de Jair Bolsonaro à democracia, Rodrigo Maia flerta com a prevaricação. Talvez seja o caso de considerar desengavetar os pedidos de impeachment"

MAURO SILVA, presidente da Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil, cobrando reações mais enérgicas e eficazes do presidente da Câmara dos Deputados em defesa da democracia

"ESTOU REVOLTADA COM TANTO CHARLATANISMO. NÃO POSSO DEIXAR TODA ESSA IGNORÂNCIA TIRAR A MINHA FÉ. TER FÉ TAMBÉM É ATO DE RESISTÊNCIA"

GABY AMARANTOS, cantora, ao falar sobre o irmão que estou positivo para a Covid-19



"A CARREATA NA AVENIDA PAULISTA CONTRA O ISOLAMENTO SOCIAL PROVA QUE ESSA GENTE NÃO TEME O VÍRUS. SABE POR QUE? PORQUE ESSA GENTE, EM QUESTÃO DE INTELIGÊNCIA, JÁ MORREU HÁ TEMPO"

TERESA CRISTINA, uma das mais famosas cantoras e sambistas brasileiras

"Precisava me recuperar ou não conseguiria mais viver"

JUJU SALIMENI, modelo, sobre a decisão de buscar ajuda médica para tratar a sua depressão

Tem tudo na Vivo. Tem tudo em



vivo.com.br



Aponte seu celular e acesse o site.

BRASIL Confidencial

CONSPIRAÇÃO?

Bolsonaro acusa, de forma leviana, que Maia e Dória querem tirá-lo do poder



Golpe baixo

Bolsonaro, que já havia dito, sem provas, que a eleição de 2018 foi fraudada, embora tenha ganho, agora afirma, novamente sem comprovação, que o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, o governador de São Paulo, João Dória, e parte do STF querem tirá-lo do poder. Disse isso a líderes partidários na quinta-feira, 16. Informou ter um “dossiê” mostrando a “conspiração”, mas não mostrou nenhum indício nesse sentido. Mais uma acusação grave e leviana. Se ele mandou fazer o tal “dossiê”, fica configurado um evidente crime de responsabilidade por mandar investigar outros poderes. Se acusou sem nada provar é mais sério ainda, pois pode ser responsabilizado por perjúrio, crime especificado no artigo 342 do Código Penal, que diz ser ilegal “fazer afirmação falsa”.

Extrapolou

Para passar o caso a limpo, o senador Alessandro Vieira está convocando ao Senado o general Augusto Heleno, ministro-chefe do GSI. Ele quer saber quem do governo fez o “dossiê” para investigar autoridades dos outros poderes. Quer as provas, pois entende que Bolsonaro “extrapolou em sua competência”, incorrendo em crimes previstos na Constituição.

Ódio

Os ataques de Bolsonaro a Maia fizeram os aliados do “gabinete do ódio” disparar ofensas em massa ao presidente da Câmara. Em dois dias, Maia foi alvo de 1,6 milhão de posts, somente no Twitter, que partiram de 238 mil perfis. Depois, Bolsonaro não entende por que perde todas as discussões no Congresso. E Maia nem pensa no impeachment.

RÁPIDAS

* Depois de derrubar Mandetta, o “gabinete do ódio” quer agora tirar Tereza Cristina da Agricultura. Ela, que também é do DEM de Maia, defende a aproximação com a China e Árabes. Os bolsonaristas preferem mais negócios com os EUA e Israel, na contramão de Tereza.

* Os filhos do presidente estão radiantes. Os três foram à posse de Nelson Teich (Saúde). O novo ministro tem apoio de Fábio Wajngarten, chefe da Secom, que, por sua vez, conta com o respaldo dos três meninos.

* Bolsonaro continua em queda livre. Segundo o último levantamento da XP Investimentos, de 1º de abril, ele tem 28% de ótimo/bom. No levantamento anterior, tinha 30%. A avaliação ruim/péssimo subiu de 36% para 42%.

* Em compensação, os governadores, como Dória (SP) e Witzel (RJ), só crescem. Tinham 26% de ótimo/bom, e agora têm 44%. O ruim/péssimo caiu de 27% para 15%. Tudo por conta da desastrosa política de Bolsonaro com a Covid.

Comprou a briga

O presidente do Senado, Davi Alcolumbre, tomou para si as dores do ataque de Bolsonaro a Maia. Tirou de pauta na sexta-feira, 17, a votação da MP do “Contrato Verde e Amarelo”, para estimular a contratação de jovens, em mais uma derrota acachapante para o governo. A MP caducou na segunda-feira, 20. Agora, o governo vai ter que editar nova MP. Bolsonaro não entende nada de política. Do que ele entende?



RETRATO FALADO



“Essa briga para abrir o comércio é um risco que eu corro. Se agravar, vai para o meu colo”

Quando Bolsonaro insiste na abertura do comércio, todos pensam que ele é só um maluco que desrespeita a ciência. Mas, está ficando claro que ele sabe muito bem o que está fazendo: quer que todos se contaminem e sobrevivam só os mais fortes. Como ele mesmo disse: “todos vamos morrer um dia mesmo”. Agora, é torcer para que não morra um número muito grande de pessoas. Afinal, já passamos dos três mil mortos, com viés de alta, e essa conta ele vai ter que pagar em 2022.

Os inúteis

A decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) tomada na sexta-feira, 17, comprovou, de forma inequívoca, que os sindicatos de trabalhadores no Brasil são inúteis. Já foram fortes e até elegeram um presidente da República, mas atualmente não servem para mais nada. Nem para sustentar o partido criado a partir da sua força, o PT, que

morreu junto com o sindicalismo. Tanto que o STF aprovou, por 7 a 3, que os acordos para a redução de jornada e salários não precisam passar pelo crivo dos sindicatos, como queria o ministro Ricardo Lewandowski, amiguinho de Lula. Venceu a tese de que os trabalhadores podem negociar os cortes salariais diretamente com os patrões.

AVIR

O grande irmão

Sergio Moro foi um dos primeiros ministros a se reunir com o novo embaixador dos EUA no Brasil, Todd Chapman. Eles se encontraram na sexta-feira, 17, no gabinete de Moro. Chapman foi indicado por Trump no início de abril, mas poucos sabiam que ele já estava na ativa em Brasília. Ele já trabalhou na embaixada brasileira como adido de 2011 a 2014.



TOMA LÁ DÁ CÁ

ELIZIANE GAMA, SENADORA DO CIDADANIA

Por que o governo demora a adotar as medidas aprovadas no Congresso?

O governo tem sido inábil. Falta gestão, logística e, sobretudo, liderança de Bolsonaro. Demorou dias para sancionar a renda básica emergencial no valor de R\$ 600.

O governo tem tratado a crise do coronavírus com descaso?

O Planalto minimizou a gravidade da situação. Desde fevereiro, já se sabia que o mundo entraria em crise, mas o presidente só iniciou a busca pela manutenção de um benefício mínimo aos brasileiros depois que o Congresso assumiu a tarefa.

A senhora prevê um agravamento da crise social em função dessa letargia?

A crise pode se agravar ainda mais, na medida em que o governo demore no atendimento ao povo mais carente.



Mamatas

Os sindicatos, sem as benesses do imposto obrigatório, que enchiam os caixas milionários das entidades, são como Sansão: ficaram sem força quando perderam os cabelos, aqui representados pelo dinheiro dos trabalhadores. Os sindicalistas não se conformam por terem perdido as mamatas. Muitos enriqueceram.

Olhos abertos

Chapman revelou a Moro que os americanos continuam preocupados com o que acontece na tríplice fronteira (divisa do Brasil com o Paraguai e Argentina). Os EUA nunca esconderam saber que ali se escondem aliados do terrorismo internacional árabe (como o Hezbollah), que são doidos para aprontar uma peça aos gringos da América do Norte.

Caiu na rede

O MINISTRO LUÍS ROBERTO BARROSO APROVEITOU SUA ELEIÇÃO NA ÚLTIMA QUINTA-FEIRA, 16, PARA A PRESIDÊNCIA DO TSE PARA ESTREAR CONTA NO TWITTER. UM DIA DEPOIS, JÁ ESTAVA COM 17 MIL SEGUIDORES. EM UM DOS POSTS, DISSE QUE É CEDO PARA DECIDIR SOBRE O ADIAMENTO DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS MARCADAS PARA O DIA 4 DE OUTUBRO.



Semana

por Antonio Carlos Prado e Mariana Ferrari



BIELO-RUSSIA
Cartaz com a imagem do ditador comunista Lukashenko: ele também fala de "gripezinha" e "coronapsicose"

FAKE NEWS

A asnice da vodca e da **AVIR** sauna

Governa a Bielo-Rússia um burocrata stalinista que pertenceu ao execrável Partido Comunista da ex-União Sovética. Seu nome e sobrenome: Alexander Lukashenko. Ele integra a "Aliança do avestruz", expressão formulada pelo professor da FGV Oliver Stuenkel para indicar os quatro países nos quais os presidentes ou ditadores negam a gravidade do coronavírus: Brasil, Turcomenistão, Nicarágua e Bielo-Rússia. Alexander considera-se um gênio em todos os setores. Da medicina, então, nem se fala. Ele diz ao seu amordaçado povo que tem a cura do vírus. Pura asnice: beber vodca, muita vodca. E fazer sauna, muita sauna. Se no Brasil o presidente Jair

Bolsonaro chamou a Covid-19 de "gripezinha", o Bolsonaro da Biela-Rússia considera a pandemia uma "coronapsicose". Se alguém imagina que o doutor Alexander recomenda que as pessoas somente tomem a vodca, está enganado. Ele ordenou que todos os cidadãos lavem as mãos com essa bebida alcoólica e, também com ela, banhem-se uma vez a cada três dias. Dá-lhe vodca! A teimosia do ditador não tem limites: em toda a Europa existe apenas um campeonato de futebol que não foi interrompido: o campeonato da Biella-Rússia, é claro. O país tem uma população de aproximadamente dez milhões de habitantes e PIB de US\$ 60,5 bilhões.

Caipirinha

No Brasil, em 1918, durante a gripe espanhola, correu a absurda asneira que pinga com limão curava a doença. Por incrível que pareça, foi assim que nasceu a hoje famosa caipirinha.



R\$ 7 bilhões

é o quanto foi concedido em novos empréstimos consignados, no último mês, para aposentados e pensionistas

ECONOMIA

Dívida de consignados é suspensa

Estão suspensos por quatro meses os descontos dos empréstimos consignados feitos por aposentados e pensionistas junto ao INSS. A determinação foi tomada pela Justiça Federal do Distrito Federal e passou a vigorar, desde a última semana, em todo o País. O juiz Renato Coelho Borelli atendeu, assim, ao pedido de uma ação popular organizada pelo advogado Márcio Casado, que solicitava o repasse direto de benefícios sem o desconto na folha de pagamento. A medida beneficiará sessenta milhões de brasileiros endividados: devem cerca de R\$ 138 bilhões.

STJ Há indícios de crimes praticados por Flávio Bolsonaro

Caiu por terra, na semana passada, a pretensão do senador Flávio Bolsonaro (à dir.) de anular a investigação que ocorre contra ele por peculato e lavagem de dinheiro à época em que foi deputado estadual no Rio de Janeiro. A defesa de Flávio alegava ilicitude na quebra de seus sigilos fiscal e bancário. O ministro Felix Fischer, do STJ, entendeu que nada houve de irregular e que o levantamento dos sigilos se deu por meio de “decisões judiciais devidamente fundamentadas (...) e no amparo de fortes indícios de materialidade e autoria de crimes”. Os relatórios de inteligência financeira



revelaram movimentações “atípicas de recursos” no gabinete do então deputado Flávio, como, por exemplo, o R\$ 1,2 milhão envolvendo o ex-assessor Fabrício Queiroz. Um dos argumentos da defesa foi que houve comunicação informal entre o Ministério Público e o Coaf. A tese foi rejeitada por Fischer, que seguiu, assim, decisão do STF. Essa é a nona vez que Flávio tentou parar as investigações.

LIVROS PARA APRENDER E SE DIVERTIR



Em um momento de protagonismo da medicina devido à tensão decorrente da pandemia, o escritor americano Thomas Hager resgata a relação da humanidade com as drogas — assim chamados os medicamentos que já salvaram o mundo e também aqueles que o arruinaram. Trata-se do livro “Dez Drogas”, no qual o autor narra dez mil anos de evolução da indústria

farmacêutica. Sobre princípios ativos extremamente populares, como, por exemplo, o ácido acetilsalicílico, Hager tece uma explicação desde a sua origem até a transformação, após teste laboratorial, em remédio consumido em todo o mundo. “Dez Drogas” tem o mérito de abordar temas técnicos de forma leve e plena de curiosidades para o público não especializado.

SAÚDE Operadoras ignoram pandemia

As operadoras de assistência médica privada querem derrubar a obrigatoriedade de atender inadimplentes vítimas do coronavírus. Tal procedimento foi determinado pela ANS. As operadoras se queixam de que a agência só pode destinar-lhes R\$ 15 milhões para essas despesas. A Federação Nacional de Saúde Suplementar afirma que não há garantia de preservação de contratos e acha que o pedido da ANS estimula a falta de pagamento dos clientes — chamou de caloteira gente honesta que não pode pagar porque acabou o dinheiro. Empresários, banqueiros, gente da classe média, gente remediada e gente pobre, cada um está ajudando como pode os mais necessitados. Passou da hora das operadoras pensarem mais em saúde e menos em lucros.

POLÍTICA Palanque de alto nível

AS MANIFESTAÇÕES DE 1º DE MAIO DESSE ANO, DIA DO TRABALHO, SERÃO CULTURALMENTE MAIS RICAS EM RELAÇÃO ÀS PASSADAS QUE SE LIMITAVAM A REUNIR DEMAGÓGICOS SINDICATOS E OPORTUNISTAS CENTRAIS SINDICAIS. É CLARO QUE ELES TAMBÉM ESTARÃO PRESENTES NOS FESTEJOS DE 2019, MAS HAVERÁ UM GANHO DE QUALIDADE NO PAÍS: SERÁ REALIZADO UM PALANQUE VIRTUAL, NO QUAL ESTARÃO FERNANDO HENRIQUE CARDOSO, RODRIGO MAIA, FLÁVIO DINO, CIRO GOMES E LULA — QUANTO A ESSE ÚLTIMO, ESQUEÇAMOS O GANHO INTELECTUAL.





AVIR

ATÉ A ONDE



ESCALADA Em frente ao QG do Exército, em Brasília, Bolsonaro discursa para os manifestantes que pedem o fechamento do Congresso e do STF: "Acabou a época da patifaria"

AVIR

ELE QUER IR?

Marcos Strecker

Isolado politicamente e acuado pela crise econômica e sanitária, o presidente Jair Bolsonaro desafia ainda mais os Poderes. Tenta atrair os militares para seu **plano autoritário**. Promoveu seu ataque mais ousado contra a ordem democrática no último domingo, 19, quando apoiou manifestações pelo País que pediam a intervenção **militar e um novo AI-5**. “Não queremos negociar nada. Agora é o povo no poder”, discursou em frente ao QG do Exército, em Brasília. A escalada golpista exige resposta das instituições e da sociedade. Há 24 pedidos de impeachment no Congresso, assim como ações no STF para barrá-lo.



O mandato de Jair Bolsonaro já pode ser dividido em duas fases. Até o 19 de abril, havia uma gestão errática, contida pelo Judiciário e norteada por um Congresso reformista. Depois disso, ocorreu uma inflexão, rumo a um governo autoritário, com a intimidação explícita das instituições. Para isso, contou com o apoio de cerca de um terço da população, além do aval de setores militares. Foi isso que se viu nesse dia, quando grupos bolsonaristas organizados promoveram manifestações e carreatas em todo o País pedindo o fechamento do Congresso e do STF. O ato teve seu ápice em Brasília, com o presidente montado na caçamba de uma caminhonete. “Temos um novo Brasil pela frente. Todos, sem exceção, precisam ser patriotas. Acabou a época da patifaria. Você têm a obrigação de lutar pelo País de vocês”, declarou. O discurso ocorreu no dia do Exército, em frente ao Quartel-General de Brasília, um local simbólico. Dessa forma, o presidente quis deixar claro que estava conclamando as Forças Armadas a se unirem ao povo em torno de si mesmo – uma alusão óbvia a um golpe. No dia anterior, já tinha investido contra o STF. Diante de apoiadores religiosos, fez alusão aos políticos que “querem abalar a Presidência”. “Não vão me tirar daqui, tenho certeza”, disse apontando para a sede do Judiciário. Queixou-se da decisão do STF que garantiu a autonomia para prefeitos e governadores promoverem a quarentena: “Estão fazendo o que bem entendem”.

Os atos do domingo foram organizados com o pretexto de apoiar o presidente diante de seus projetos malogrados no Congresso, ainda que a culpa seja da própria desarticulação governista, e de sua cruzada contra as orientações médicas pelo isolamento social, seguidas pelos governadores e prefeitos. Foi a maior aglomeração provocada pelo mandatário desde o início da pandemia. As carreatas ocorreram em várias capitais, inclusive em frente aos hospitais lotados com pacientes da Covid-19 – daí ganharem o apelido, apropriado, de “carreatas da morte”. Ao mesmo tempo, milícias digitais promoveram nas redes sociais o maior ataque já sofrido pelo presidente da Câmara, Rodrigo Maia, e pediram, em São Paulo, a destituição do governador João Doria – o líder informal dos gestores que estão na linha de frente da luta contra a pandemia pelo País.

STF E CONGRESSO REAGEM

A dimensão e ousadia das manifestações provocou repúdio e mobilizou líderes do Congresso, membros do STF e militares da reserva e da ativa, temerosos com a associação das Forças Armadas ao apelo golpista. “É assustador ver manifestações pela volta do regime militar, após 30 anos de democracia”, divulgou Luís Roberto Barroso, ministro do STF. Seus colegas Gilmar Mendes e Marco Aurélio Mello também criticaram os atos. “Lamentável que o presidente da República apoie um ato antidemocrático, que afronta a democracia e exalta o AI-5”, declarou

o governador João Doria. Maior alvo dos ataques virtuais, Rodrigo Maia quis demonstrar tranquilidade: "No Brasil, temos de lutar contra o corona e o vírus do autoritarismo. Não temos tempo a perder com retóricas golpistas. Não há caminho fora da democracia". A aparente serenidade do presidente da Câmara não traduzia o que acontecia nos bastidores. O clima em Brasília fechou. Diversos parlamentares e autoridades se reuniram na casa de Maia, que conversou com interlocutores do presidente. Generais da reserva, como o general Eduardo Villas Bôas e Sérgio Etchegoyen, ex-ministro do governo Temer, foram chamados para intervir. Demonstraram aos ministros de farda o desconforto com as imagens de Bolsonaro em frente ao QG do Exército. O presidente do STF, Dias Toffoli, questionou o ministro da Defesa, Fernando Azevedo e Silva, de quem é próximo (foi seu assessor no STF). O militar reafirmou o compromisso do presidente com a Constituição, e minimizou o seu discurso.

Ocorre que foi um ataque contra as instituições, e com a bênção dos militares do Planalto. O ministro da Defesa e Luiz Eduardo Ramos (Secretaria de Governo) chegaram a ser convidados por Bolsonaro para acompanhá-lo em frente ao QG do Exército. Não foram, mas avalizaram o chefe. Aham que o presidente está sendo acuado pelo outros Poderes. Depois, com a péssima repercussão, reuniram-se com o presidente, em en-

contro que juntou Azevedo e Silva, Ramos, Walter Braga Netto (Casa Civil) e Augusto Heleno (GSI). Na saída do Palácio do Alvorada, perguntado sobre o tema da conversa, o chefe do GSI foi lacônico: "Falamos sobre futebol". Nos dias seguintes, ocorreram reuniões tensas e tentativas de distensão. Ramos, que é responsável pela interlocução com os parlamentares, tentou marcar uma reunião de apaziguamento com Rodrigo Maia. Este sugeriu incluir na conversa o general Braga Netto, de quem é próximo. A conversão não prosperou. Enquanto isso, a reação contra o presidente continuava. Vinte de 27 governadores divulgaram uma carta aberta "em defesa da democracia". Parlamentares de quase todos os partidos repudiaram a ação do presidente. A Frente Nacional de Prefeitos divulgou uma nota condenando o "atentado à democracia". Dias Toffoli, sem citar Bolsonaro, declarou que o autoritarismo e os ataques à democracia são gestos "nefastos". "Não é possível admitir qualquer solução que não seja a dentro da institucionalidade e do Estado Democrático de Direito." Afirmou isso em evento que reunia a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), entre outras entidades.

Diante do clima conflagrado, a reação de Bolsonaro foi a mesma que demonstra sempre que avança o sinal. Culpou a

AVIR

PLANO DE ATAQUE

Os Bolsonaros se preparam no domingo, 19, para participar dos atos de ataque ao Congresso e ao STF



imprensa e negou qualquer intenção antidemocrática. “No que depender do presidente Jair Bolsonaro, democracia e liberdade acima de tudo”, afirmou. “O pessoal geralmente conspira para chegar ao poder. Eu já estou no poder. Já sou o presidente da República”, disse. Seguindo o script do recuo estratégico, repreendeu um apoiador que pediu o fechamento do STF. “Esquece esta conversa de fechar. Aqui não tem fechar nada, dá licença aí. Aqui é democracia, respeito à Constituição brasileira. E aqui é a minha casa e a tua casa, então peço que, por favor, não se fale isso aqui”, afirmou. No fim do dia, em ação coordenada, o ministro da Defesa soltou um comunicado pacificador: “As Forças Armadas trabalham com o propósito de manter a paz e a estabilidade do País, sempre obedientes à Constituição Federal”. Uma reação pequena demais, tarde demais.

MILITARES ENDOSSAM

No episódio, os militares palacianos pela primeira vez endossaram uma incitação contra a ordem democrática. E foi também a primeira vez que ocorreu uma reação no campo jurídico capaz de trazer problemas sérios para o presidente. O procurador-geral da República, Augusto Aras, pediu autorização ao STF para investigar os atos pró-golpe, citando o artigo 23 da Lei de Segurança Nacional, que trata da subversão da ordem política e social. Sorteado, o ministro Alexandre de Moraes rapidamente aceitou o pedido, ressaltando que o episódio é “gravíssimo”. Aras não incluiu o presidente entre os investigados, por não haver indício da sua participação na convocação das manifestações. Mas, com o desenrolar das investigações, pode ser incluído, assim como empresários que o apoiam. Bolsonaro deu azar. Já está a cargo de Moraes outro inquérito que investiga ataques virtuais ao STF, que soma-se agora ao segundo inquérito como uma ameaça concreta para o presidente.



JUNTOS Bolsonaro e o ministro da Defesa, Fernando Azevedo e Silva, que apoia o presidente na luta contra os outros Podres. Porém, soltou nota pregando respeito à Constituição



A CAMINHO DO GOLPE

O discurso de Jair Bolsonaro em frente ao Quartel-General do Exército



“NÓS NÃO QUEREMOS NEGOCIAR NADA. QUEREMOS É AÇÃO PELO BRASIL”

“TEMOS UM NOVO BRASIL PELA FRENTE. TODOS, SEM EXCEÇÃO, PRECISAM SER PATRIOTAS. ACABOU A ÉPOCA DA PATIFARIA. AGORA É O POVO NO PODER. VOCÊS TÊM A OBRIGAÇÃO DE LUTAR PELO PAÍS DE VOCÊS”



“O QUE TINHA DE VELHO FICOU PARA TRÁS. NÓS TEMOS UM NOVO BRASIL PELA FRENTE. TODOS NO BRASIL TÊM QUE ENTENDER QUE ESTÃO SUBMISSOS À VONTADE DO POVO BRASILEIRO”

“CHEGA DA VELHA POLÍTICA. AGORA É BRASIL ACIMA DE TUDO E DEUS ACIMA DE TODOS”



JAIR BOLSONARO, presidente da República

Segundo especialistas, outra peça é ainda mais danosa a Bolsonaro. Trata-se de um mandado de segurança protocolado no STF por um ex-assessor da ministra do STF Rosa Weber e um ex-conselheiro da OAB. Os advogados Thiago Santos Aguiar de Pádua e José Rossini Campos do Couto Correa acusam o presidente de quebra de decoro, um crime de responsabilidade passível de impeachment. Solicitam que algumas atribuições do presidente sejam transferidas para o vice, Hamilton Mourão, assim como a nomeação de ministros, a sanção de leis e a decretação dos estados de defesa e sítio. Pedem ainda que o presidente seja impedido de promover aglomerações e apresente seus exames de coronavírus. Esse último ponto toca em outro nervo presidencial, já que há outro pedido pendente da Câmara nesse sentido, com base na Lei de Acesso à Informação. O ministro Celso de Mello vai relatar o processo protocolado pelos advogados, o que é outra má notícia para o presidente — é um dos nomes mais críticos a ele no STF.

Além do descrédito crescente no País, Bolsonaro já é motivo de repulsa na comunidade internacional, e coleciona denúncias em tribunais multilaterais. Por enquanto, no Congresso e no

EM DEFESA DA DEMOCRACIA



O presidente da Câmara, do STF e governadores reagiram



“O MUNDO INTEIRO ESTÁ UNIDO CONTRA O CORONAVÍRUS. NO BRASIL, TEMOS DE LUTAR CONTRA O CORONA E O VÍRUS DO AUTORITARISMO”

RODRIGO MAIA, presidente da Câmara dos Deputados

“O AUTORITARISMO, OS FUNDAMENTALISMOS E O ATAQUE ÀS INSTITUIÇÕES E À DEMOCRACIA SÃO NEFASTOS”

DIAS TOFFOLI, presidente do STF



“É ASSUSTADOR VER MANIFESTAÇÕES PELA VOLTA DO REGIME MILITAR, APÓS 30 ANOS DE DEMOCRACIA”

LUÍS ROBERTO BARROSO, ministro do STF

“LAMENTÁVEL QUE O PRESIDENTE DA REPÚBLICA APOIE UM ATO ANTIDEMOCRÁTICO, QUE AFRONTA A DEMOCRACIA E EXALTA O AI-5”

JOÃO DORIA, governador de São Paulo



“LAMENTÁVEL QUE O PRESIDENTE ADIRA A MANIFESTAÇÕES ANTIDEMOCRÁTICAS”

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO, ex-presidente

meio político, a percepção majoritária é que não existem ainda as condições para o início de um processo de impeachment, apesar dos seus crimes de responsabilidade em série. Sem as condições certas, uma articulação dessa natureza pode até fortalecer o presidente. Mas o humor do Congresso está mudando. Já há 24 pedidos de impeachment na Câmara, o último deles de iniciativa do ex-governador Ciro Gomes (PDT), protocolado na última quarta-feira, 22. Já outra ação de partidos de esquerda para o impedimento tem pouca chance de progredir pelo descrédito do PT, enredado em seus próprios crimes. Porém, está claro que não é mais possível aceitar passivamente a marcha golpista. Bolsonaro precisa ser impedido pela ação dos outros Poderes. Nesse sentido, o ministro Luís Roberto Barroso, do STF, foi lúcido, citando Martin Luther King: “Pior do que o grito dos maus é o silêncio dos bons”. É hora de reagir. As supostas loucuras de Bolsonaro ocorrem com método. Assim, tem avançado cada vez mais em sua escalada antidemocrática, que agora prega explicitamente a ruptura institucional. O bolsonarismo segue a cartilha do chavismo, na Venezuela. Como Bolsonaro, o ditador Hugo Chávez também era um oficial medíocre



PELO AI-5 Manifestantes na avenida Paulista, na maior aglomeração apoiada pelo presidente contra as medidas de isolamento contra a pandemia

que pregava a sublevação, tendo sido preso e expulso da corporação. Não era levado a sério. Suas bravatas foram minimizadas, enquanto avançava na cooptação do Exército, na intimidação dos opositores e no recrutamento de milícias, até materializar o autogolpe – quando o mandatário, eleito, esmaga os outros Poderes. É disso que se trata agora, com uma ironia da história. Dividir e partidarizar o Exército sempre foi o sonho da esquerda no Brasil. O atual presidente está perto disso.

AVIR

O impeachment é traumático, mas transigir com a escalada bolsonarista pode ter um custo muito maior. No começo dos anos 2000, a oposição, na época encamada por Fernando Henrique Cardoso, acreditava que Lula não deveria ser afastado diante do escândalo do Mensalão, de compra de parlamentares. Ele deveria “sangrar”, para se enfraquecer. Jogo jogado. Lula foi poupado e se fortaleceu. Os 13 anos do PT levaram ao Petrolão e a uma nova crise institucional, com a ruína econômica e a eleição de um capitão do baixo clero saudoso do regime militar. O País não deveria repetir seus erros. Aos poucos, Bolsonaro concretiza seu sonho caudilhesco. Como ensinou Hannah Arendt no clássico *Eichmann em Jerusalém*, as populações que se mostraram mais respeitadas e flexíveis foram as mais devastadas pela ascensão nazista. Como numa fábula orwelliana, está em curso um golpe em câmara lenta. Em uma frase lapidar sobre a recorrente tentativa de militarização da política brasileira, o marechal Castello Branco, em plena ditadura, ironizou as “vivandeiros alvoroçadas” que ao longo da história vêm sempre “bolir com os granadeiros e provocar extravagâncias do poder militar”. Pois as vivandeiros estão aí. À luz do dia, buzinando em frente aos hospitais, desafiando as autoridades em plena emergência sanitária, pregando o fechamento do Congresso e do STF, lideradas pelo presidente. Até quando? ■

É evidente que esse homem está **DOENTE**

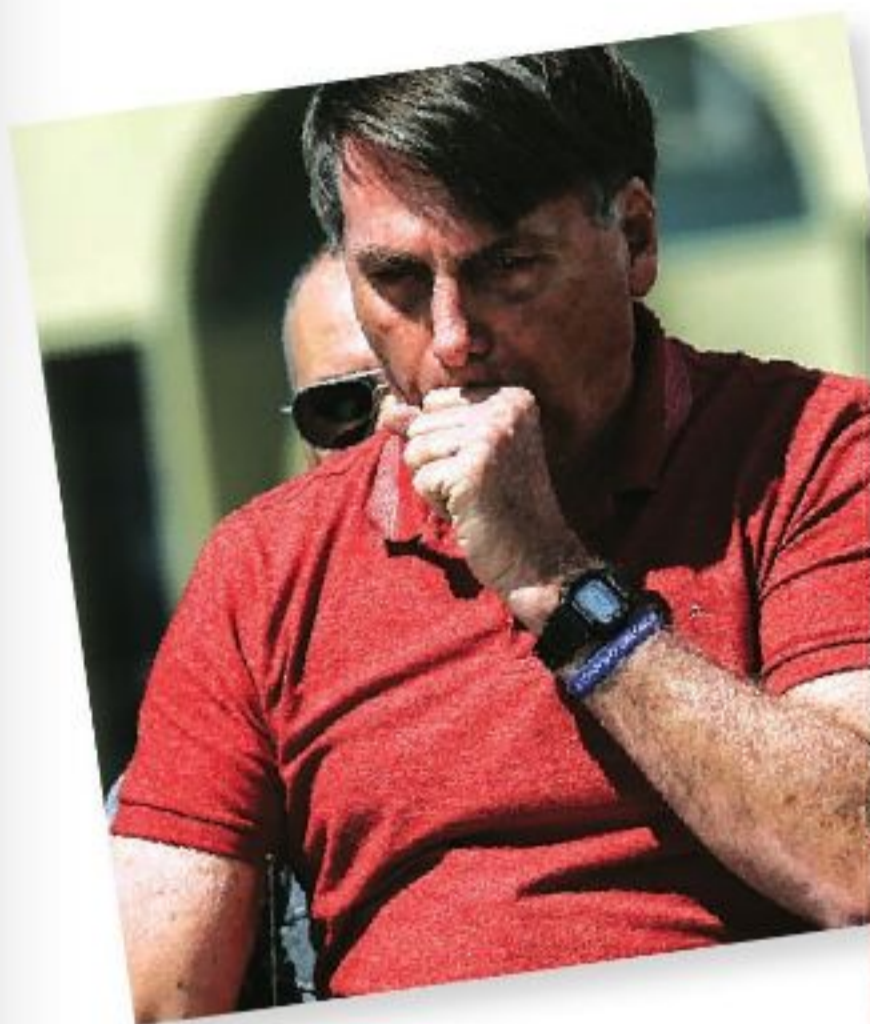
O presidente está com tosse. E **Jair Bolsonaro** com tosse é como um Frank Sinatra às avessas. É desagradável e desafinado. Alguma coisa está acontecendo e, seja o que for, Bolsonaro estava pelo menos resfriado no domingo 19, quando fez seu mais recente discurso golpista em frente ao Quartel-General do Exército, em Brasília. Ninguém que não esteja doente **perde o controle da tosse daquele jeito**, a ponto de abandonar um discurso. Foi uma tosse seca e incontida, como outras que ele tem soltado em seus passeios. Não foi um engasgo. Sem qualquer preconceito com a tosse, algo que pode ser confundido com o contágio pelo coronavírus nesses tempos de pandemia, a de Bolsonaro passou dos limites. No mínimo ele sofre de uma infecção leve. Anda mais abatido e inchado.

Vicente Vilardaga



DESCONTROLE Tosse seca e incontinência de Bolsonaro ao final de discurso golpista diante do Quartel-General do Exército, em Brasília, indica que o presidente sofre de alguma enfermidade

AVIR



GRIFE FORTE O presidente omite resultados de testes de Covid-19 e desrespeita recomendações de autoridades de saúde

Se não fosse presidente não haveria problema, todos estão sujeitos a ficar doentes. Mas no cargo que ocupa deveria ser transparente com os cidadãos brasileiros e mostrar os resultados dos exames. Sua atitude é no mínimo antirrepublicana e se não é ilegal, é antiética. O desprezo à ciência e o discurso obscurantista, que inclui chamar a Covid-19 de “gripezinha”, tornam ainda mais nebulosa e enigmática sua doença. A suspeita de resfriado ou gripe é bem consistente.

O problema é tão evidente que na quinta-feira 9, antes da tosse fatídica, a Mesa Diretora da Câmara encaminhou à Presidência da República um pedido de informações sobre os resultados dos testes de Covid-19 feitos por Bolsonaro. Segundo a Agência Câmara de Notícias, o pedido se baseia no artigo 50 da Constituição que estabelece que as mesas diretoras da Câmara e do Senado têm a prerrogativa de encaminhar pedidos de informações a ministros de Estado. A demanda foi endereçada ao ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência, ministro Jorge Oliveira. O governo tem um prazo de 30 dias, a partir da data do envio, para

dar uma resposta. Caso o prazo não seja cumprido, o presidente pode ser acusado de crime de responsabilidade, o que seria um primeiro passo para um processo de impeachment. Se for comprovado que esconde alguma doença, ele estaria cometendo também um crime comum contra a saúde pública, por propagar a epidemia.

SINAIS ESTRANHOS

O responsável pelo pedido de informações, aprovado pelo presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ) foi o deputado Rogério Correia (PT-MG). Bolsonaro se submeteu a dois exames de coronavírus nos dias 12 e 17 de março, assim que retornou de uma viagem para os Estados Unidos, quando 23 integrantes de sua comitiva testaram positivo para a Covid-19, inclusive o secretário de Comunicação, Fábio Wajngarten. Apesar de apresentar sintomas de gripe, Bolsonaro afirmou que seus resultados foram nega-

tivos e recusou-se a apresentar os testes, sob o argumento de que são “sigilosos”. “O Brasil precisa da verdade. O presidente foi infectado? Por se tratar do presidente, o mandatário maior da República, é fundamental que esta informação seja de domínio público”, afirmou Correia para a Agência Câmara. Correia destaca que o presidente deixou perguntas sem respostas. Para o deputado, é no mínimo estranho que Bolsonaro tenha omitido o resultado de um teste que deu negativo. É algo que não faz sentido.

Os exames de Bolsonaro viraram um problema de Estado e, diante de pedidos de veículos de comunicação, baseados na Lei de Acesso à Informação (LAI), sobre os resultados, a Secretaria de Comunicação alegou que “as informações individualizadas sobre o assunto dizem respeito à intimidade, vida privada, honra e imagem das pessoas”. Apoiado na questão do sigilo, o presidente tem circulado livremente no meio da multidão, tossido e

Se for comprovado que Bolsonaro esconde uma doença, ele pode ser acusado de crime contra a saúde pública, por propagar a epidemia

NÃO É DE HOJE

Bolsonaro tem apresentado regularmente, em eventos públicos, sintomas de infecção respiratória, como coriza, tosse e abatimento



lançado perdigotos na população em seus encontros com apoiadores na frente do Palácio do Planalto e em passeios pelo Distrito Federal. Contrariando recomendações do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde (OMS), Bolsonaro favorece a formação de aglomerações e mantém proximidade física com simpatizantes. No período entre os dois testes que fez em março, o presidente deixou o Palácio do Planalto para falar e cumprimentar manifestantes que protestavam contra o Congresso e o Supremo Tribunal Federal (STF).

IRRESPONSABILIDADE

“Já pensou que prato feito para a imprensa se eu tivesse infectado? Não estou. É a minha palavra. A minha palavra vale mais do que um pedaço de papel”, disse Bolsonaro a jornalistas no dia 26 de março. Será? Sua **AVIR** situação é bastante suspeita e deveria ser esclarecida até o próximo dia 8, quando se completará um mês do pedido de informação da Câmara. Até lá, ele, provavelmente, continuará fazendo provocações e desafiando as autoridades de saúde com seu comportamento irresponsável. Bolsonaro aproveita todos os fins de semana para ter contato com seguidores e exibir seu desprezo por uma doença que mata sem parar em todo o mundo. Trata também de se mostrar forte e indestrutível num momento em que toda a sociedade se sente fragilizada. “Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derubar não, ta ok?”, afirmou, há algumas semanas, mostrando que não está nem aí para o coronavírus. Outra possibilidade é que os sintomas de gripe apresentados pelo presidente não passem de uma simulação, um fingimento, o que seria ainda mais grave e doentio do ponto de vista psiquiátrico. Bolsonaro brinca com uma doença letal e parece mais disposto a confundir do que a esclarecer. ■

PIPOCA CINEMARK®

O GOSTINHO DA CINEMARK, AGORA
na sua casa!



ACESSE CINEMARK.COM.BR
E SAIBA MAIS



CINEMARK

É MAIS QUE CINEMA. É CINEMARK.



BAIXE AGORA

Disponível para
Android e iOS

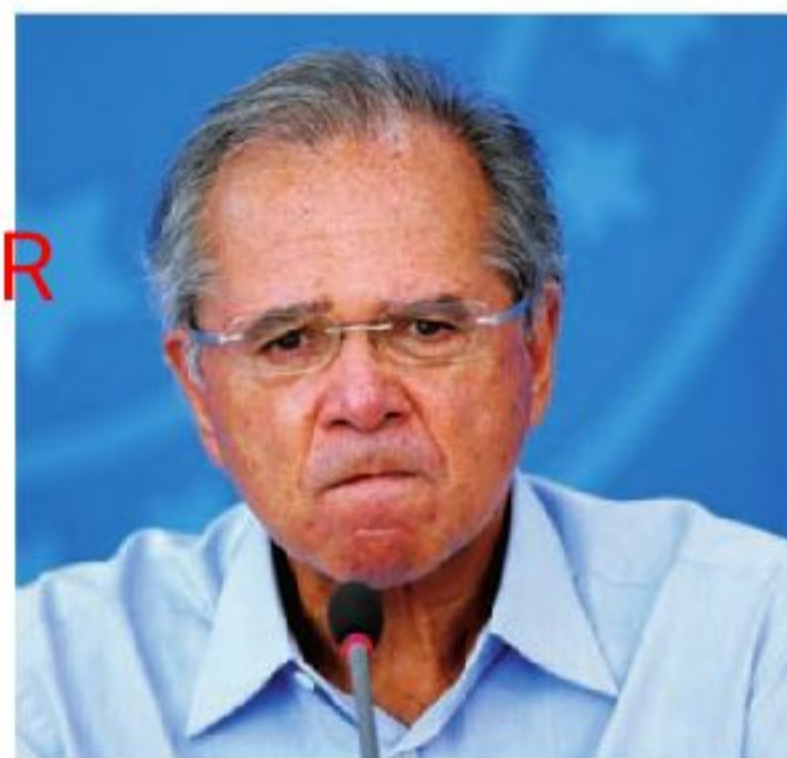
Moro: a próxima vítima?

Presidente tenta diminuir o poder de Sergio Moro, que pede demissão. Motivo foi a remoção da direção da PF, que investiga o clã Bolsonaro no Rio. Bolsonaro já havia escanteado Paulo Guedes e defenestrado Luiz Henrique Mandetta

Marcos Strecker

Jair Bolsonaro está aproveitando a crise do novo coronavírus para afastar todos os auxiliares que lhe faziam sombra. A próxima vítima é Sergio Moro. O ministro da Justiça pediu demissão na última quinta-feira, 23, após o presidente informar que mudaria a diretoria da Polícia Federal, ocupada por Maurício Valeixo, aliado do ex-juiz. Moro disse que deixará o governo se Bolsonaro efetivar a exoneração. É a segunda vez que o presidente tenta remover Valeixo, incomodado com o avanço das investigações sobre o clã Bolsonaro e sua ligação com a milícia carioca. Nesse momento, a PF estava conseguindo desvendar o funcionamento da máquina de propaganda bolsonarista nas redes digitais, inclusive chegando aos patrocinadores do esquema. Atualmente, esse é o maior risco para a permanência de Bolsonaro no Planalto. O STF tem um inquérito que apura os ataques ao Judiciário nas redes, e acaba de abrir uma investigação sobre os atos golpistas do domingo, 19. Além disso, a CPMI das Fake News se aproxima dos esquemas ilegais que patrocinaram a eleição de Bolsonaro em 2018.

Moro barrou a primeira tentativa de troca na PF no início da gestão Bolsonaro, mas agora o presidente sentiu que é o momento de agir, numa jogada arriscada. Está acuado com o risco de impeachment, com a crise econômica e de saúde, e com seu crescente isolamento. Além disso, gostaria de entregar a cabeça da cúpula da PF ao Centrão, de quem tenta se aproximar — e que tem vários membros investigados na Lava Jato. Nas últimas semanas, encurralado com sua ação irracional contra a pandemia, o presidente também já tinha fritado o titular da Saúde, Luiz Henrique Mandetta. A exoneração do ex-ministro causou um enorme desgaste ao presidente, que viu seus índices de popu-



SEM POSTO IPIRANGA Paulo Guedes foi escanteado no plano Pró-Brasil e vê sua agenda liberalizante ser comprometida

laridade despencarem e o apoio nas redes sociais encolherem. Para evitar mais essa crise num momento delicado, Bolsonaro escalou às pressas os generais Braga Netto (Casa Civil), Luiz Eduardo Ramos (Secretaria de Governo) e Augusto Heleno (GSI) para demover Moro. Na quinta-feira, 23, eles tentavam evitar a saída do ex-juiz. No ano passado, o papel de bombeiro coube ao vice Hamilton Mourão, que desfez mais uma trama contra o titular da Justiça. Na época, Bolsonaro queria tirar de Moro a gestão da Segurança Pública e entregá-la ao um antigo aliado da bancada da bala, Alberto Braga.

Se Bolsonaro recuar e conseguir manter Moro no governo, não escapará de ver sua imagem se deteriorar ainda mais. O problema para o presidente é que Moro é a face da Lava Jato. É um dos pilares da atual gestão. Representa o combate à corrupção, que foi uma das razões do desgaste do PT e um dos com-





AVIR

DE SAÍDA Sergio Moro quer entregar o cargo se o diretor da Polícia Federal for exonerado. A PF estava desvendando a máquina bolsonarista nas redes digitais

bustíveis da campanha vitoriosa de Bolsonaro. Num momento em que o oferece cargos, bancos e portos públicos ao Centrão, o presidente não conseguirá manter o discurso de combate à “velha política”. Outro sustentáculo do governo, o ministro Paulo Guedes (Economia), também foi severamente avariado nos últimos dias com o lançamento à sua revelia do programa Pró-Brasil, de investimentos públicos em infraestrutura.

INFLEXÃO NO GOVERNO

Representa o fim da agenda liberalizante de Guedes, dos superpoderes do “posto Ipiranga” e uma sinalização de que a economia vai sofrer uma inflexão, com mais intervenção estatal e menos foco na disciplina fiscal. Já ressabiados com o discurso antiambiental de destruição da Amazônia, os investidores internacionais devem perder de vez a confiança na retomada sustentável da economia. Todas essas medidas evidenciam uma mudança de rota do atual governo, com menos técnicos e maior

suporte militar. Desde o início do ano o general Walter Braga Netto, novo ministro-chefe da Casa Civil, adquiriu na prática a função de primeiro-ministro. Além de dirigir o gabinete de crise da pandemia, passou a coordenar com braço de ferro as outras pastas. Enquadrou o atual ministro da Cidadania, Onyx Lorezoni (que não tem conseguido gerenciar o corona-voucher), passou a supervisionar a comunicação do governo (inclusive afastando um membro do gabinete do ódio, que segue as orientações de Carlos Bolsonaro) e assumiu o controle de fato do Ministério da Saúde. Também esteve à frente do novo programa econômico de investimentos, junto com o titular da infraestrutura, Tarcísio Gomes de Freitas. As mudanças são equivocadas, e o presidente não está refazendo as bases do seu governo por desejar aperfeiçoar a gestão. A eventual saída de Moro comprova que está agindo pelos motivos errados: com a água subindo, procura desesperadamente se manter no cargo, que nunca esteve tão ameaçado. ■

As negociatas com O CENTRÃO

Para retaliar Maia, Bolsonaro oferece cargos a deputados do Centrão. Com isso, o presidente tenta cooptar mais de 200 deputados para montar sua base no Congresso, como sempre foi feito na “velha política”

Germano Oliveira

TROCA DE GUARDA
Bolsonaro quer substituir a força de Maia (à dir.) pelos conchavos de Arthur Lira (à esq.)



O estímulo às manifestações pedindo o fechamento do Congresso faz parte de uma estratégia mais ampla de Bolsonaro para formar uma base de apoio ao seu governo na Câmara, onde ele vem perdendo as principais votações nos últimos tempos, como a ocorrida há dez dias, quando os deputados aumentaram o volume de recursos aos Estados de R\$ 40 bilhões para R\$ 90 bilhões, enchendo o caixa dos governadores que se opõem a ele. Bolsonaro teria sido alertado pelos órgãos de espionagem do governo que haveria um movimento feito a partir do presidente da Casa, deputado Rodrigo Maia (DEM-RJ), seu desafeto, com a ajuda dos governadores e suas bancadas na Câmara, para articular seu impeachment. Por mais delirante que seja, o presidente resolveu minar o poder de Maia. Quer fazer sua própria bancada e trabalhar para eleger o novo presidente da Câmara. Nesse sentido, o mandatário tenta cooptar mais de 200 parlamentares do Centrão, especialmente do PP, PL, PSD, PTB e Republicanos. Deste último partido,

Bolsonaro pensa em fazer o deputado Marcos Pereira (SP) candidato a presidente da Casa. Pastor evangélico, Pereira é ligado à Igreja Universal, sua aliada. É no Republicanos que seus filhos Flávio e Carluxo se filiaram no Rio. Caso não emplaque Pereira, o mandatário pode lançar mão de Arthur Lira (PP-AL) para o projeto de dominar a Câmara. Em troca da adesão, o governo oferece aos parlamentares cargos em ministérios e estatais. O governo pretende, assim, lotear o governo como o PT de Lula fez no passado e que acabou no maior processo de corrupção da história – mensalão e petrolão.

O LOTEAMENTO DE CARGOS

O movimento de Bolsonaro nesse sentido foi deflagrado depois da derrota na ajuda bilionária aos Estados. O presidente reuniu-se com os líderes do Centrão e revelou a eles a existência desse plano mirabolante para derrubá-lo. Pediu-lhes adesão ao seu projeto de formar uma base na Câmara, com o isolamento de Maia e dos governadores. Para completar sua narrativa, saiu às ruas pedindo para os bolsonaristas desencadearem um movimento em que pedia-se o fechamento do Congresso e do STF.

Mesmo dizendo em público que “não quer negociar nada”, como fez naquele fatídico discurso na porta do QG do Exército no domingo 19, em apoio aos manifestantes que pediam a intervenção militar e um novo AI-5, Bolsonaro já negociava o loteamento das estatais. Entre os cargos de maior peso oferecidos estão o Banco do Nordeste, Dnit, FNDE e Funasa (veja quadro ao lado). Os caciques desses partidos, que totalizam 187 deputados, ficaram de atrair os 17 parlamentares do Avante e do Pros. Em



ACUSAÇÃO O deputado Kim Kataguiri diz que Bolsonaro está usando de “hipocrisia e canalhice” ao negociar com o Centrão

A BARGANHA



O governo oferece ao PP do deputado Arthur Lira cargos no Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e postos de direção no Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs). Só o FNDE tem recursos orçamentários de R\$ 54 bilhões. O PP tem 40 deputados



Ao PSD de Gilberto Kassab, Bolsonaro promete cargos na Fundação Nacional da Saúde (Funasa), vinculada ao Ministério da Saúde, agora sob nova direção, a do ministro Nelson Teich, que acaba de assumir no lugar de Luiz Henrique Mandetta, do DEM e ligado a Rodrigo Maia. O PSD tem 37 deputados



Ao partido de Valdemar da Costa Neto, Bolsonaro oferece a presidência do Banco do Nordeste, com orçamento de R\$ 29 bilhões. Foram oferecidos também a Secretaria de Vigilância Sanitária (Ministério da Saúde) e o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit), com orçamento de R\$ 8 bilhões. O PL possui 39 parlamentares



Ao Republicanos do pastor e deputado Marcos Pereira (SP), Bolsonaro ofereceu a presidência da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba (Codevasf), com Orçamento de R\$ 1,6 bilhão. O partido dispõe de 31 deputados



ADESISTA Roberto Jefferson, do PTB: “Para derrubar Bolsonaro, só se for a bala”

uma só cajadada, Bolsonaro compraria 201 deputados. Como tem outros 100 parlamentares, distribuídos no PSL e em bancadas evangélicas, ele teria um pouco mais de 300 votos, suficientes inclusive para arquivar eventual processo de impeachment.

Bolsonaro contabiliza também o apoio de Roberto Jefferson, presidente do PTB, que foi preso no mensalão por ter recebido R\$ 4 milhões de Lula para aderir ao governo petista em 2003. Antes de apoiar o PT, foi da tropa de choque de Collor, que sofreu impeachment em 1992. Agora, o petebista está anunciando juras de amor a Bolsonaro. Em entrevista na terça-feira 21, disse que “há uma tentativa do Congresso em promover novo impeachment”, mas garantiu que haverá reação dos apoiadores do presidente. “Para derrubar Bolsonaro, só se for a bala.” Pode levar o Ministério do Trabalho, a ser recriado. Quando soube que Bolsonaro havia “comprado” a adesão do PTB, o deputado Kim Kataguiri (DEM-SP) divulgou documentos mostrando que as ligações dos dois são antigas. Em 2003, o deputado Bolsonaro era filiado ao PTB quando contratou o filho Eduardo como assessor da bancada petebista em Brasília, por R\$ 9,8 mil mensais, apesar de o rapaz não comparecer ao trabalho. Agora, diz que Bolsonaro oferece cargos ao Centrão em estatais que movimentam R\$ 100 bilhões, “para que esses partidos gastem os recursos na campanha municipal”. Para Kim, ao fazer as negociatas com esses partidos, “o presidente está usando de hipocrisia e canalhice, pois sempre negou fazer o jogo da velha política”. O vírus da negociata infectou Bolsonaro. ■

LIBERAL, MAS SÓ COM O VÍRUS

O presidente do Banco Central, **Roberto Campos Neto**, surpreende o País ao pregar que entre a saúde e a economia, **essa última tem de vir em primeiro lugar**

Antonio Carlos Prado

Quem se propõe a defender o indefensável tem de se valer, muitas vezes, de argumentos inadequados e metodologicamente não verdadeiros. Foi o que ocorreu recentemente com **o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto**, que apoia a absurda tese propalada pelo presidente Jair Bolsonaro: devem ficar em distanciamento social somente os grupos de risco. Trata-se do **“isolamento vertical”** em meio à pandemia do coronavírus, jamais endossado pela Organização Mundial da Saúde nem por autoridades sanitárias. Roberto Campos Neto tem (porque quer) de obedecer o seu chefe. Nessa cega obediência, **cometeu ele uma desonestidade intelectual** e deixou alguns dados fora de contexto ao retirá-los do gráfico que consta de uma excelente obra de artigos compilados pelos economistas Richard Baldwin e Beatrice Weder di Mauro, ambos do Centro de Pesquisas de Política Econômica – trata-se de um think tank (grupo de reflexão) que congrega cerca de setecentos intelectuais, com sede em Genebra.



O PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL
Roberto Campos Neto: o cego conduzido pelo louco

O livro em questão, que no espaço de um mês já se tornou um clássico, chama-se “Mitgating the Covid economic crisis”. Nele há um gráfico, e foi daí que Campos Neto pinçou o que se encaixava à sua fala, desprezando o restante: “esse é um gráfico que muita gente tem comunicado em palavras, que é a troca entre o tamanho da recessão e o achatamento da curva {de contaminação} que você quer atingir”, disse ele. “Mostra que, quando você tem um achatamento maior, você tem uma recessão maior e vice-versa”. A rigor, o que o presidente do BC quis dizer é o seguinte: quanto mais amplo o isolamento social, maior a recessão. Ou seja: devem-se encerrar o distanciamento e a quarentena, ainda que isso cause colapso de hospitais e dos sistemas de saúde público e privado, situação que levaria os médicos ao ponto que eles mais temem: o de ter de escolher a quem assistem e quem se abandona à própria sorte para morrer. A obra tem esse propósito? É claro que não, sob as óticas humanitária, racionalista e civilizatória. O livro não defende o argumento usado por Campos Neto. Não é nada disso! O gráfico é o apêndice de um organismo e tem de ser contextualizado.

Baldwin e Beatrice afirmam, categoricamente, que a recessão decorrente da mais rígida restrição à circulação é uma “medida de saúde pública necessária” e que desconsiderar a vida para salvar a economia é uma alternativa que não deve ser jamais considerada por nenhum governante. O presidente do Banco Central é neto de uma das principais sumidades do

liberalismo no Brasil, o ex-ministro Roberto Campos, e também ele se diz liberal. Com um importante e triste detalhe: esquece de que o liberalismo implica política conservadora que preserva a saúde pública e o bem-estar social. Preserva o direito à vida como garantia fundamental do Estado de Direito. Alguém imaginaria os ex-primeiros-ministros britânicos Winston Leonard Spencer-Churchill e Margaret Thatcher falando o que Campos Neto falou? É impensável. Campos Neto agiu como se endossasse atualmente a inescrupulosa teoria do economista e demógrafo britânico Thomas Malthus, de que crises econômicas e de desabastecimento são causadas pela explosão populacional – a dos pobres, é claro. Os pobres de Malthus que querem comer são os pobres da Covid que querem viver.

QUESTÃO MORAL

Na avaliação da pesquisadora Monica de Bolle, integrante do Instituto Peterson de Economia Internacional e professora da Universidade Johns Hopkins, em Washington, a fala de Campos Neto foi “irresponsável”: “ele passa um recado equivocado e deixa no ar a mensagem para os investidores pressionarem o governo pelo fim do isolamento social”. A pesquisadora ressalta ser muito maior o risco da economia entrar em colapso devido ao infundável número de mortes do que pela contenção de circulação de pessoas. A mesma linha de raciocínio segue o economista e professor Newton Marques, da Universidade de Brasília, para quem Campos Neto força a quebra da quarentena: “mesmo que morra gente, os investidores não se importam, porque estão perdendo dinheiro”.

Dê-se voz, finalmente, a Baldwin: “a ausência de quarentena em pandemias causa mais problemas e mais danos econômicos. Se a quarentena não é implementada porque se deseja economizar dinheiro, então está-se enfrentando uma questão moral e não econômica”. Isso é professado na escola de Chicago, uma das principais instituições no ensino do liberalismo em todo o mundo. Pena que Campos Neto, que se diz liberal, não observe tal princípio. Ao se deixar conduzir por Bolsonaro e defender o “isolamento vertical”, o presidente do BC traz para a tragédia real do coronavírus a “maldição” descrita por William Shakespeare na tragédia teatral de “Rei Lear”: do louco conduzindo o cego. ■

Os pobres de Thomas Malthus que queriam comer são os pobres da Covid que querem viver

Mudança DE ROTA

Com novo ministro da Saúde, presidente Jair Bolsonaro pretende colocar suas loucuras em prática, falsear os números da Covid-19 no Brasil e no mundo e acabar com o isolamento social o mais rápido possível

Vicente Vilardaga



INTERVENÇÃO Teich, Braga Netto e Ramos: novo ministro demonstra que terá pouca autonomia



FAKE NEWS Em reunião com ministros do G-20, Teich disse que informações falsas são o principal problema da pandemia

O novo ministro da Saúde, Nelson Teich, já disse a que veio: servir passivamente e com total submissão ao presidente Jair Bolsonaro nos seus propósitos de aliviar o isolamento social ou até de acabar com ele o mais rápido possível - e de imunizar e colocar em risco imediato de morte o maior número possível de brasileiros suscetíveis à Covid-19. O ministro só foi se apresentar oficialmente ao público na quarta-feira 22, quando deu uma entrevista coletiva e tratou de falsear os números da pandemia e propagar informações confusas. Para ele, o impacto do coronavírus está superdimensionado e os números disponíveis são pouco confiáveis. Ao lado do ministro da Casa Civil, Walter Braga Netto, atualmente o chefe operacional do governo, e o do ministro-chefe da Secretaria do Governo, Luiz Eduardo Ramos, Teich demonstrou que sua chegada no Ministério é uma espécie de intervenção. Junto com ele chegou também o general da ativa Eduardo Pazuello, especialista em logística, que será o número 2 da pasta, com o cargo de secretário executivo.

PREOCUPAÇÃO ECONÔMICA

O movimento de largada de Teich deixou claro que ele está mais preocupado com os problemas econômicos do que o ex-ministro Luiz Henrique Mandetta estava. Para ele, saúde e economia andam juntas, não competem, o que mostra uma tentativa de tirar o foco no problema imediato: salvar vidas a qualquer custo. Enquanto Mandetta veio do SUS, Teich é um homem da iniciativa privada, um médico oncologista e gestor, que pensa, por exemplo, em limitar a compra de respiradores na situação de emergência para que não haja ociosidade de equipamentos no futuro. Se antes de assumir o cargo defendia a testagem em massa, agora diz que o mais importante é interpretar os dados disponíveis. Fala em fazer uma gestão racional da aquisição e da distribuição dos insumos, tentando sempre gastar menos do que

AVIR

o necessário. É frio e calculista, enquanto Mandetta tinha alguma paixão, além de autonomia em relação às vontades obscurantistas do presidente. A chegada de Teich no cargo também visa confundir os cidadãos com números tirados sabe-se lá de onde. "O Brasil hoje é um dos países que melhor performa em relação à Covid-19", disse, com seu linguajar de executivo. "Se você analisar mortos por milhão de pessoas, o número do Brasil é de 8,17. A Alemanha tem 15, a Itália, 135, a Espanha, 255, o Reino Unido, 90, e os Estados Unidos, 29", disse. São números aleatórios e citados sem fonte. A Itália, por exemplo, tem 416 mortes por milhão de habitantes e a Espanha, 468. Antes de aparecer em sua primeira entrevista, Teich passou por um media training, serviço de treinamento que se dá às autoridades inseguras para aperfeiçoarem seu relacionamento com jornalistas. O objetivo era deixar o novo ministro afiado para falar com a imprensa, mas o esforço foi inútil. Com seu pragmatismo, Teich trouxe mais insegurança do que novas perspectivas. Ele pensa em aliviar o isolamento já nesta semana e vai tentar oferecer argumentos técnicos, eventualmente falsos, para convencer a opinião pública disso. Enquanto Mandetta se orientava pelos cientistas e profissionais de saúde, Teich vai seguir a estratégia maluca do governo. Devemos temer o futuro próximo. ■

NOVO COMANDO

As diferenças entre Mandetta e Teich, que atuará sob a vigilância do general Pazuello (ao lado)

LUIZ HENRIQUE MANDETTA

- Pouca atenção aos problemas econômicos e foco na saúde
- Perfil político e experiência com o SUS
- Defesa do isolamento horizontal
- Autonomia em relação às vontades obscurantistas do presidente
- Defendia testagem em massa

NELSON TEICH

- Diz que saúde e economia não competem entre si
- Perfil de gestor e alinhamento com a Iniciativa privada
- Preparação da saída do isolamento
- Sujeição aos interesses políticos de Bolsonaro
- Diz que mais importante do que a testagem em massa é interpretar dados



Planos de Saída

Há uma pressão para que as atividades econômicas voltem ao normal. O fato é que **a saúde é que vai determinar o futuro**. O desafio é não se entregar ao populismo barato: **só devemos abrir o País quando a curva de casos começar a cair**

Eudes Lima



Sabe a mãe que, por zelo, pede para que os filhos levem o casaco para a escola? É assim que deveria se comportar um líder de governo: com o máximo zelo pela vida. E com o argumento da prevenção, e até com exageros se necessário, é que em todo o mundo foi utilizada a metodologia do distanciamento social como combate ao coronavírus. O fator mais discutido no Brasil, porém, é qual impacto econômico a medida trará ao País e quando a vida deve voltar ao normal. Hoje, as autoridades já planejam o relaxamento no isolamento, com a justificativa de que a curva de crescimento do vírus começa se estabilizar, com tendência de cair. Mas, o que todo mundo quer saber agora é quando o País deve reabrir? O clamor pela reabertura econômica não deve, no entanto, atender a critérios populistas.

À nível federal, o presidente vem insistindo na necessidade de tudo voltar ao normal já há algum tempo. Essa teimosia de liberar tudo mesmo quando a doença ainda estava contaminando e matando muita gente (uma média diária de mais de 200), levou inclusive Bolsonaro a demitir o ministro Luiz Henrique Mandetta (Saúde), que resistia a interromper a política de isolamento social. Em sintonia com o mandatário, o novo ministro, Nelson Teich, disse na quarta-feira 22 que o país precisa voltar ao normal o mais rápido possível: “não podemos ficar um ano e meio esperando a crise terminar”.

Garantindo que vai definir o calendário da volta à normalidade somente na semana que vem, o governo quer agora iniciar um projeto para a recuperação da atividade econômica. O ministro da Casa Civil, general Walter Braga Netto, lançou

SUGESTÕES DA FIESP

A Federação das Indústrias de São Paulo apresenta um calendário para a volta à normalidade. O governo decide quando termina a quarentena:

No 1º dia voltam a funcionar creches, escolas, comércio de rua e restaurantes

No 14º dia Shoppings centers

No 28º dia Parques

No 42º dia Cinemas, academias, teatros, museus e universidades

A Fiesp sugere acompanhamento de caso a caso, obediência às regras de higiene, distanciamento social e campanhas educativas



RESPONSÁVEL

São Paulo planeja a reabertura gradual, conforme dados científicos. Apesar de mais de 50% das pessoas terem permanecido em casa, o governador Doria afirma que 74% das atividades econômicas não pararam durante a quarentena

um programa que prevê a criação de 1 milhão de empregos com aporte de R\$ 30 bilhões, uma nova versão petista do PAC. O que mais chamou a atenção é que o plano foi apresentado sem a presença de Paulo Guedes, dando a entender que o ministro da Economia está enfraquecido e que o general Braga é o novo homem forte do governo, inclusive para assuntos econômicos. No setor privado, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) – que congrega empresas responsáveis por 40% do PIB –, lançou um plano bem mais consistente, com sugestões de datas para a reabertura das atividades econômicas, mas de forma gradual (acompanhe a proposta da entidade no quadro acima). A Fiesp sugere que todo o processo de liberação leve pelo menos 42 dias.

CAUTELA NA TRANSIÇÃO

Em São Paulo, o governador João Doria anunciou na quarta-feira 22 que haverá uma “abertura gradual e responsável da economia”. Ressaltou que as medidas restritivas atingiram apenas 26% das empresas, mas que o isolamento no estado, iniciado no dia 17 de março, atingiu mais de 50%. Após o próximo dia 11 de maio, o governo estadual iniciará o período de relaxamento da quarentena. Nos próximos dias, serão informados os setores e regiões que mais avançaram no combate à doença e isso servirá para orientar o governo na liberação gradual das pessoas na volta à normalidade, seguindo as orientações “médicas e científicas”, de acordo com Doria. O governador deixou claro que ainda não definiu o que vai reabrir primeiro. “Ninguém aqui disse quando haverá a abertura de escolas e comércio. Ainda não há essa deliberação”. O Plano São Paulo, como está sendo tratado, é

coordenado pelo secretário da Fazenda do estado, Henrique Meirelles, para quem “o governo tem um papel fundamental, que é assegurar o padrão de consumo da população e a recuperação econômica das empresas”.

O governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, que contraiu a Covid-19, também estuda a flexibilização controlada para comércio, transportes e igrejas a partir de 1º de maio. Outros estados, como Santa Catarina, já estão liberando o movimento em shoppings centers. Segundo levantamento das associações de shoppings centers, 43 estabelecimentos desse segmento, de um total de 577, já reabriram em 19 cidades brasileiras. Contra a tendência de abertura generalizada, o governador do Maranhão, Flávio Dino, diz que se a ocupação da UTI atingir 80% irá decretar lockdown.

Em todo o mundo há uma ansiedade pela reabertura das atividades cotidianas, seja por necessidade ou por desejo. Conforme o secretário de Saúde do estado de São Paulo, José Henrique Germann, “em torno de cinco ou seis meses a maioria das pessoas se imunizam e o vírus perderá força”. Mas não parece ser possível aguardar esse tempo todo para tudo voltar ao normal. Na China, três meses foi o tempo para que o vírus perdesse força, mas somente agora as pessoas estão voltando à vida anterior a janeiro deste ano. Enquanto que no Japão a ansiedade fez com que a flexibilização também esteja sendo revista. Países africanos, da América do Sul e da Europa ainda estão na fase inicial desse processo. Na Alemanha, por exemplo, o relaxamento do isolamento social começou na última segunda-feira 20, mas de forma bem lenta. O importante é o quanto ela será cuidadosa, segura e responsável. O que está em jogo é a vida das pessoas, muito acima das perdas econômicas. ■

Acção de emergência

Desde o início de abril começaram a ser instalados por todo o Brasil hospitais de campanha para tentar desafogar os sistemas de saúde de diversas regiões e dar conta da explosão de casos de coronavírus

Anna França



HOSPITAL PROVISÓRIO Com mais de 3,2 mil casos, Recife terá unidade com 420 leitos adicionais, sendo 23% destinados à UTI

O tão temido pico dos casos de coronavírus parece ter chegado nesta última semana em algumas regiões. À beira do colapso em seu sistema de saúde, o prefeito de Manaus, Arthur Virgílio Neto (PSDB-AM), chorou e pediu ajuda: “Manaus não está mais em estado de emergência, mas sim de calamidade”. Diante da explosão de casos - que chegaram a 1,8 mil, sendo 209 mortos, o que representa uma das maiores letalidades do País, de 8,35% - o Amazonas anuncia agora a criação de mais um hospital de campanha para tentar dar conta do avanço da pandemia.

A situação crítica, no entanto, não se restringe apenas ao Norte, mas se espalha por todo o País, exigindo que prefeitos e

governadores corram contra o tempo para montar estruturas paralelas que ajudem a dar suporte ao sistema oficial de saúde. Pelo menos 63 hospitais de campanha, com mais de 11 mil novos leitos, estão sendo montados no Brasil. Em São Paulo, onde se registra o maior número de casos (9.537 e 690 mortes), mesmo antes do Hospital Emílio Ribas, referência em doenças infectocontagiosas, anunciar que estava no limite, o governo do decidiu implantar esses hospitais provisórios para tratar pacientes em situação de baixa ou média complexidade. Um foi instalado no Estádio do Pacaembu, com cerca de 200 vagas, sendo que 81 já ocupadas, e outro, no centro de exposições do Anhembi, com cerca de 1,8 mil vagas, que contabiliza 76 pacientes in-



SUFOCO Quando um paciente grave chega aos hospitais de campanha, exige cuidados especiais para conseguir respirar



CALAMIDADE Manaus inaugurou, dia 14, o Hospital de Campanha Gilberto Novaes, na zona norte, e recebeu os primeiros pacientes infectados logo na primeira madrugada



ÓBITOS Apesar dos esforços uma parte dos doentes acaba morrendo, o que congestiona também o sistema funerário

ternados. Até o final de abril, a cidade terá um terceiro hospital instalado no complexo esportivo do Ibirapuera. Ao todo, serão 2.240 leitos de baixa complexidade a mais na estrutura atual.

Criados para prevenir e obter resultados mais rápidos no tratamento de pacientes sem gravidade, esses hospitais exigem cuidados diferenciados, especialmente numa pandemia com as dimensões da Covid-19, cuja transmissão e a evolução são

NÚMEROS DA PANDEMIA

Cerca de **63** hospitais de campanha estão sendo montados pelo Brasil

Mais de **11** mil novos leitos serão criados por estes hospitais para atender pacientes que precisam de atendimentos básicos

Entre os locais com mais leitos estão as cidades de:

RIO DE JANEIRO	2,3 MIL
SÃO PAULO	2,2 MIL
GOIÁS	1,3 MIL
PARÁ	720
AMAZONAS	700
PERNAMBUCO	513
BAHIA	414

AVIR
muito rápidas. “Eles nos ajudam a dar conta da demanda e tratar os casos mais simples”, explica o infectologista e especialista em saúde pública, Helio Bacha. Segundo ele, diante de uma doença como a Covid-19, que oferece muitas surpresas aos médicos, comprometendo uma série de sistemas funcionais, como o respiratório, o circulatório e o digestivo, o atendimento deve ser imediato. “É preciso uma decisão política para enfrentar esse problema, mas hoje há um negacionismo sobre a gravidade que emperra as decisões necessárias”, diz Bacha, que também foi infectado. Ele diz que não se assusta com epidemias, porque, desde que se formou, já pegou várias, sendo a primeira, a de meningite, em 1974. “Foi muito forte e o regime militar censurava as informações, o que agravava o problema”, diz. “Mas nenhuma delas era tão complexa e grave como essa”.

REDE DE PROTEÇÃO

Segundo maior estado atingido pela doença, o Rio de Janeiro vai montar uma rede de hospitais de campanha, somando mais de 2 mil leitos. Iniciativas semelhantes estão sendo tomadas no Ceará, em Pernambuco e Goiás. A Organização Mundial da Saúde (OMS) alerta que a construção de estruturas provisórias é essencial para dar conta do aumento da demanda. E em São Paulo isso será indispensável, especialmente diante da mudança de protocolo anunciada nesta semana, que prevê a internação também de pacientes com sintomas leves de Covid-19. A alteração, segundo o secretário municipal de Saúde, Edson Aparecido, é necessária porque muitos pacientes, que antes iam para casa, acabam voltando em estado crítico. Os desafios são enormes e a estrutura precisa ser ampliada para dar conta do aumento da demanda. ■

A OMS alerta que a construção de estruturas provisórias é essencial para atender o aumento da demanda

**NO TATAME OU EM CASA,
AS LIÇÕES DO ESPORTE
SEMPRE CONTINUAM.**

AVIR



@refit.refinaria



/RefitRefinaria



AVIR

Refit. Mantenedora da Usina de Campeões.

O período é de isolamento social para 250 crianças e jovens de comunidades carentes que treinam capoeira, judô, muay thai, jiu-jítsu, taekwondo, wrestling e boxe na Usina de Campeões. Mesmo longe dos tatames, eles não param de aprender: o projeto está disponibilizando aulas on-line para que os alunos se mantenham ativos e continuem seguindo os valores do esporte que transformam vidas.

Refit. Abastecendo a alma carioca.



Em quarentena com o agressor

Antes da pandemia chegar, a violência doméstica e o abuso sexual infantil já eram recorrentes em todo o mundo.

Saiba por que o isolamento intensifica esses crimes

Mariana Ferrari



DESESPERO A vítima A. F.: "Só percebemos a gravidade quando estamos com os olhos roxos e os braços quebrados"

“É inegável que no Brasil e também em diversos outros países as agressões aumentam no distanciamento social”

Samira Bueno, diretora do Fórum Brasileiro de Segurança Pública



A

violência contra a mulher e também a violência sexual infantil vêm crescendo no Brasil nos últimos anos. Cresce ainda mais agora em meio à imprescindível quarentena para o combate eficaz ao coronavírus. Os

motivos são claros: mulher e marido violentos, mães e pais que habitualmente agridem filhos, todos estão nesse momento mais tempo juntos e em um lugar fechado – os seus lares. Somente os mal intencionados responsabilizariam o distanciamento social e a quarentena pelo aumento nesses crimes. Com ou sem isolamento, quem é violento é violento e ponto final. A restrição à circulação surge, assim, apenas como o dedo para um gatilho psíquico que já compõe o temperamento de algumas pessoas. “O que está ocorrendo, e é inegável que de fato está acontecendo, é a intensificação desse quadro”, diz Samira Bueno, diretora do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Os dados do Fórum mostram que a violência contra a mulher é uma “epidemia” - que, como o vírus, saltou para uma “pandemia”. Em março de 2018, havia o registro de 6.775 ocorrências de violência doméstica. Agora, também em março, o índice de agressão à mulher subiu 20%, traduzidos em 9.817 casos. O Ministério Público aponta o acréscimo de 51% nas prisões em flagrante em decorrência de violência doméstica contra a mulher. São Paulo, epicentro da doença dos ataques de coronavírus, não está isolado nesse trágico fenômeno. Em outra análise, agora feita pelo software SEMrush, no qual foram analisadas pesquisas na internet, a busca no Google por “Lei Maria da Penha” apresenta o estratosférico salto de 238% em Pernambuco, seguido por Rio de Janeiro, com 124%. E não é diferente a situação em outros países. Na Europa, por exemplo, 33% das mulheres sofreram algum tipo de violência física, emocional ou sexual durante a quarentena.

Aos 44 anos, A.F (preserva-se aqui o nome da vítima) levou dias para conseguir falar sobre a violência que sofreu do marido sem cortar palavras com choro. “A gente vai tolerando, relativizando, até porque ninguém é violento vinte e quatro horas por dia”, diz ela. “Só percebemos a gravidade quando estamos com olhos roxos e braços quebrados”. Sem suportar seus próprios conflitos interiores, o agressor os

projeta em outra pessoa. Dentro de um lar, sob a tensão da pandemia e numa forçada convivência (o que não justifica

comportamentos abusivos), dá para imaginar em quem a pessoa projetiva descarregará o seu curto-circuito emocional: na parte fisicamente mais fraca, ou seja, na mulher. “Eles trazem em sua psique inúmeras inseguranças”, explica a conceituada psicóloga Mariete Duarte, integrante da Clínica Maia e especializada em psiquiatria pela Universidade de São Paulo. “Para mascarar seus conflitos, agressores costumam usar drogas lícitas como o álcool, e isso pode liberar comportamentos reprimidos sob a forma de agressividade física”. Não é sem razão, portanto, que a OMS recomendou a diminuição do consumo de bebidas alcoólicas em todos os países, enquanto durarem seus respectivos distanciamentos sociais. É preciso evitar o vírus e é igualmente preciso evitar a saturação emocional de pessoas vivendo vinte e quatro horas juntas e durante dias. Apesar da recomendação da OMS, no Brasil, infelizmente, empresas de delivery registraram um aumento de 50% no pedido de bebidas alcoólicas.

AVIR

O PREDADOR E A MUTAÇÃO

Não só de marido e mulher forma-se uma família. Dentro de lares há também filhos, filhas, enteados, padrastos, madrastas e inúmeras possibilidades de formações parentais. Se no caso de violência doméstica há números e projeções, como saber o que acontece com crianças se confinadas com seus agressores? “Quando você fala de uma criança de cinco ou seis anos, ela nem sabe a violência pela qual está passando”, diz Luciana Temer, presidente do Instituto Liberta. A consequência de abuso sexual de crianças durante o período de isolamento transforma o futuro em um lugar ainda mais perigoso. A quarentena reforça a existência de um problema recorrente em todo o mundo: o do ser humano como predador do próprio ser humano, ainda que haja uma outra predadora, terrível e invisível, como é a Covid-19. A violência, no entanto, não nasce com a mutação do vírus. A pandemia só evidencia agressores que podem morar sob o mesmo teto. ■

Contaminados pela miséria

CADASTRO ÚNICO

Saque abaixo do esperado: das 70 milhões de pessoas inscritas, apenas 17,9 milhões receberam o benefício



Segundo estudo do Banco Mundial, crise econômica pode fazer a população em situação de pobreza no País chegar a **14,7 milhões** de pessoas em 2020, um aumento de quase 30%. Em São Paulo, auxílio de R\$ 600 prometido pelo governo federal dá apenas para comprar uma cesta básica, que **custa R\$ 517,51**

Fernando Lavieri

O motorista de aplicativo Claudio Santos, de 36 anos, morador da comunidade Jardim Rosana, zona sul de São Paulo, ficou feliz quando soube que receberia um auxílio financeiro do governo. Antes do coronavírus, Santos era o principal alicerce financeiro da casa. “Eu conseguia pagar as contas e não faltava o básico”, conta. Desde o início da quarentena, porém, não tem como pagar os R\$ 1.400 referentes à mensalidade do carro alugado, mesmo trabalhando quatorze horas por dia: sua renda foi reduzida a zero. Com os R\$ 600 que recebeu do governo, pagou as contas mais urgentes e ajudou a mãe “a comprar a mistura”. Asmático, Santos tem medo de ser contaminado pela Covid-19, mas alega que precisa contribuir em casa com algum valor pois a aposentadoria da mãe não é suficiente. “Não tem jeito, tenho três filhos, minha mãe tem 71 anos. O governo tinha que nos pagar pelo menos um salário mínimo.”

Um estudo do Banco Mundial acende a luz vermelha em relação ao aumento da miséria no Brasil: segundo a instituição, ao final de 2020, o País terá uma retração do Produto Interno Bruto (PIB) de 5,2%, a maior queda em 120 anos. Com isso, 5,5 milhões de brasileiros podem passar a viver em condições de extrema pobreza, elevando o número total de miseráveis no País a 14,7 milhões

de habitantes. O cálculo estima a quantidade de pessoas que vivem com menos de US\$ 1,90 por dia, equivalente hoje a cerca de R\$ 300 por mês.

O valor de R\$ 600 prometido pelo governo federal permite apenas a compra de uma cesta básica em São Paulo, por exemplo, onde o valor registrado é de R\$ 517,51, segundo o Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos, (Dieese). Além de ser considerado um valor longe do ideal para resolver as dificuldades financeiras da população brasileira, a realização do cadastro impõe certas dificuldades para o cidadão de baixa renda. Para que o trabalhador possa receber o benefício, é preciso se cadastrar em um aplicativo disponível apenas para smartphones.

FRAUDES NO APLICATIVO

A conferência dos dados é demorada e a página já foi copiada por hackers. Assim, as pessoas que se cadastraram erroneamente, ávidas pela ajuda, tiveram seus dados roubados - 6,7 milhões já baixaram até agora aplicativos falsos desde o lançamento do programa pela Caixa, em 7 de abril. Além disso, há a chamada "população invisível", os 5,5 milhões de brasileiros que não têm conta em banco ou acesso à internet, nem fazem parte do banco de dados do Cadastro Único. Nesse sistema, onde há 70 milhões de pessoas inscritas, apenas 17,9 milhões foram contempladas até agora.

Para acelerar os trâmites, o Senado Federal aprovou na quarta-feira (22) uma ampliação emergencial para pagamento do benefício sem necessidade da apresen-

tação do documento de CPF. Com a medida, motoristas de táxi e aplicativo, diaristas, pescadores, eletricitas, entre outras categorias, passarão a ter o acesso facilitado. A medida ainda tem que ser sancionada pelo presidente Jair Bolsonaro.

Na seara estritamente econômica, a Caixa finalizou uma lista com 40,5 milhões de cadastros habilitados a receber o benefício. Do total, 23 milhões já tiveram os dados checados e confirmados. A questão é que a condição de quarentena precisa ser cumprida com rigor e os trabalhadores da base da pirâmide vivem do que ganham no dia a dia, por isso precisariam de uma logística de pagamento mais ágil.

Para o professor Guilherme Santos Mello, do Instituto de Economia da Universidade de Campinas, o recurso é pequeno e chegou tarde. "Se o salário mínimo é de R\$ 1.039, faria sentido que o auxílio fosse algo próximo a esse valor", afirma. Segundo o professor, o atraso da equipe econômica é sinal da ineficiência do governo. Para ele, uma série de medidas poderiam ter sido tomadas para reduzir os danos causados pela pandemia: maiores recursos para a saúde; recomposição da renda familiar; apoio às micro e pequenas empresas; auxílio aos entes da federação; por último, formas de ajudar o sistema financeiro para evitar uma quebra geral. "O governo já deveria ter uma estratégia pragmática para manter o funcionamento básico da econômica", diz. Tudo indica que, além das vítimas da nova doença, teremos que enfrentar um velho inimigo ainda mais forte: o fantasma da miséria. ■



INVISÍVEIS Sem registro: 5,5 milhões de brasileiros não têm conta em banco ou acesso à internet, nem estão no sistema de banco de dados do governo

“Eu conseguia pagar as contas e não faltava o básico. Agora a renda caiu a zero. O governo tinha que nos pagar pelo menos um salário mínimo”

Claudio Santos, motorista de aplicativo



Tensão no Porto de Santos

Restrições impostas pelas medidas de combate ao novo coronavírus, **de quarentenas a mudanças nos protocolos** de navegação, podem causar desabastecimento pelo País

Jo Pasquatto



TRANSTORNOS
Atrasos nas datas de embarque e desembarque que aumentam o número de contêineres retidos

Responsável por mais de 95% das cargas exportadas e importadas pelo país, o transporte marítimo brasileiro, tanto de longo curso quanto o de cabotagem (costa a costa no País), não escapou aos contratempos impostos pela pandemia da Covid-19, que está afetando a cadeia de abastecimento de suprimentos no Brasil. A quarentena imposta aos navios no mundo todo faz com que os produtos não cheguem ao País e, com isso, o transporte interno também seja afetado. Uma carga de peças que não chegue da China, por exemplo, acaba não sendo transportada por meio da cabotagem às fábricas de Manaus. Em compen-



HIGIENE Porto de Santos adquiriu cerca de 5 mil litros de álcool em gel para os funcionários

sação, esses mesmos navios não trazem arroz do sul para o Porto de Santos, responsável pelo abastecimento do mercado do sudeste. Esse cenário de transtornos e tensão nos portos, tem levado à falta de navios e cargas, de contêineres e restrições à troca de tripulação embarcada. O coronavírus tem sido uma ameaça constante à saúde dos funcionários.

O desafio das companhias de navegação para manter as estruturas de fornecimento em operação e impedir o desabastecimento da indústria e do comércio é mais grave no transporte da navegação de média distância. No Brasil, cerca de 11% de toda carga transportada ocorre via cabotagem. Segundo fontes do setor, preservar a cadeia de suprimentos se transformou em uma “verdadeira operação de guerra”. Em tempos de Covid-19, as medidas de controle sanitário e limpeza ficaram mais rígidas: medição de febre diária, com afastamento do trabalhador que apresenta sintomas da doença, desinfecção de navios e contêineres, redução nas trocas de tripulações saudáveis.

MEIO AMBIENTE E PREÇO

Com atrasos cumulativos nas datas de embarque e desembarque, aumenta o número de contêineres retidos, que estão fora de circulação com ou sem carga, num mercado restrito a apenas três empresas, Aliança (50%), Mercosul Line (26%) e Log In (24%). Assim, uma etapa que seria normalmente cumprida em seis horas, pode levar dez dias num porto brasileiro e mais 40 dias num chinês. Na volta, o navio para mais 10 dias num porto brasileiro. “Multiplique e veja o caos”, alerta uma fonte. O ritmo lento também gera prejuízos em função do preço do transporte e do impacto ambiental. A cabotagem tem custo menor em relação ao transporte rodoviário e, além disso, a tonelada transportada na cabotagem emite 80% a menos de CO2. O coronavírus está tirando eficiência do transporte marítimo. ■



NOVOS TEMPOS
A produção da JBS (à esq.) aumentou com a pandemia, enquanto Ana Paula Kishimoto (abaixo) conseguiu uma vaga no promissor mercado de TI



Empresas **contratam**

As **novas oportunidades** de trabalho que surgiram após a crise provocada pelo novo coronavírus

Luisa Purchio

Nem tudo é tragédia em meio à crise gerada pela Covid-19. Muitas empresas estão aumentando seu faturamento e abrindo novas vagas em seus quadros de funcionários. Essa onda de prosperidade está ligada aos novos hábitos de consumo que o vírus impôs à sociedade. A área de tecnologia, por exemplo, é uma delas. Sem poder sair de casa, as pessoas cada vez mais procuram resolver seus problemas através dos serviços online. “As empresas não estavam preparadas para que os seus funcionários trabalhassem em home office. Todos tiveram de se adaptar. Então, surgiu uma demanda por profissionais de tecnologia”, diz Ricardo Basaglia, diretor-geral da Michael Page, empresa de recrutamento de pessoal. Setores relacionados à saúde, comércio eletrônico, logística, segurança, indústria e trans-

porte também estão ampliando suas equipes (acompanhe no quadro ao lado as áreas que mais estão contratando).

AVIR

Diante do aumento das vendas online, a Via Varejo, por exemplo, detentora das marcas Ponto Frio, Casas Bahia e do site do Extra, acelerou a implementação de um projeto de digitalização de operações. Para isso, 100 pessoas já foram contratadas e outras 100 estão para chegar, todas na área de Tecnologia da Informação (TI). “São mais transações digitais e isso passa por desenvolvimento e análise de dados”, diz Rosi Purceti Balabram, diretora de Pessoas e Performance da Via Varejo.

MUDANÇAS DEFINITIVAS

Para a gerente de projetos de TI, Ana Paula de Araújo Kishimoto, o novo cenário trouxe oportunidades. Ela trabalhava em uma empresa de consultoria e quando menos esperava seu telefone tocou. Em maio ela passará a fazer parte do Itaú Unibanco, que abriu 200 vagas na crise. “Foi tudo muito rápido, em uma semana todo o processo seletivo aconteceu, remotamente”, diz ela. A indústria de alimentos também está aquecida. A JBS, maior produtora de proteína de origem animal do País, anunciou a abertura de 3 mil vagas para todos os setores em que atua. Agora, a grande questão é saber se esses novos hábitos de consumo e de oferta de empregos são passageiros ou se vieram para ficar. A resposta certa virá com o término da crise do coronavírus, mas uma coisa é certa: tanto as empresas quanto o mercado de trabalho não serão os mesmos a partir desta pandemia. ■

OS SETORES QUE MAIS EMPREGAM

INFORMÁTICA/TI
6.577 VAGAS

SAÚDE
5.114 VAGAS

LOGÍSTICA
3.845 VAGAS

SEGURANÇA
3.636 VAGAS

INDÚSTRIA
3.122 VAGAS

TRANSPORTES
1.453 VAGAS

Fonte: InfoJobs



AUSÊNCIA
O líder norte-coreano não compareceu à comemoração do aniversário de seu avô, fundador da dinastia comunista

Os mistérios de **Kim Jong-Un**

Ditador não comparece a eventos oficiais e desperta **boatos** de que estaria **enfermo**. Arsenal nuclear da Coreia do Norte preocupa **potências**

Luisa Purchio

Nas últimas semanas uma ausência tem intrigado autoridades em todo o mundo. Desde o dia 11 de abril o líder da Coreia do Norte, Kim Jong-Un, não é visto publicamente em seu país. O ditador não esteve presente nem mesmo na comemoração do aniversário de seu avô, Kim Il-Sung, fundador do regime do país, em 15 de abril. Trata-se de um feriado nacional importante para os eventos oficiais de culto à personalidade, propaganda essencial nessa ditadura socialista. Como todas as informações são controladas pelo governo, é difícil afirmar ao certo o motivo da ausência do líder. A mídia estatal se mantém em silêncio e continua publicando apenas propagandas e citações atemporais a respeito do regime e seu líder, sem citar seu estado de saúde. Organizações independentes na Coreia do Sul, porém, vão na direção oposta. Um site administrado por um desertor do país, o *Daily NK*, citando fontes locais, afirma que Kim Jong-Un está em estado grave em uma casa de campo em Hyangsan, no Monte Kumgang, na costa leste do país, recuperando-se de uma cirurgia cardiovascular. Ele teria passado pelo procedimento no dia 12 de abril, em um hospital local para uso exclusivo da família. Além de problemas com obesidade, Kim é diabético e sofre de hipertensão. Tem

maus hábitos como consumo de bebida alcoólica, alimentação em excesso e tabagismo. O suposto excesso de trabalho teria prejudicado sua saúde nos últimos meses.

Autoridades americanas, chinesas e sul-coreanas evitaram endossar a tese de uma doença grave. “Nenhum movimento atípico dentro da Coreia do Norte foi detectado”, disse um porta-voz do presidente da Coreia do Sul, Moon Jae-in. O presidente dos EUA, Donald Trump, também não referendou a informação. “Só espero que ele esteja bem. Tive um relacionamento muito bom com Kim Jong-Un. Vamos ver como ele se sai. Não sabemos se os relatórios são verdadeiros”, disse. Os líderes evitam criar animosidade em um país geopoliticamente importante – seu principal aliado é a China, e ameaça continuamente os vizinhos Coreia do Sul e Japão. As informações oficiais são escassas. Pela propaganda oficial, a Coreia do Norte é um paraíso. Na realidade, trata-se de uma ditadura cruel e sangrenta. Temendo perder o poder, Kim Jong-Un já mandou assassinar um meio-irmão, que foi envenenado em um episódio tenebroso. Em relação ao novo coronavírus, por exemplo, as fontes oficiais afirmam que não há nenhum caso confirmado devido ao sucesso de o governo ter fechado as fronteiras com a China e a Coreia do Sul, países mais afetados pela pandemia.

UMA POSSÍVEL TRANSIÇÃO

Caso se confirme, o grave estado de saúde do ditador poderia gerar uma crise em seu regime, pois não há um descendente hábil para substituí-lo, conforme consta no documento do seu partido, o Partido dos Trabalhadores da Coreia. Essa dinastia comunista define que o poder deve seguir a linha de sucessão dos Kim. O descendente mais velho teria apenas 10 anos e, portanto, não estaria apto a sucedê-lo – a própria idade do ditador, de presumíveis 36 anos, é um mistério. A mais provável substituta seria sua irmã mais nova, Kim Yo-Jong, que já participa ativamente do governo, principalmente cuidando da imagem do irmão e organizando eventos públicos. O histórico primeiro encontro com um presidente dos EUA, em 2019, com Donald Trump, teria sido organizado por ela. Mas há obstáculos para essa transição: além de quebrar a cadeia de sucessão de “pai para filho”, ela é mulher. “Ela não é uma grande líder, e ainda o machismo e a influência do confucionismo presentes no país podem colocar em xeque a legitimidade desse possível novo



FRÁGIL Com sobrepeso, Kim Jong-Un estaria se recuperando de uma cirurgia no coração

OS SUCESSORES



Kim Yo-Jong

Irmã mais nova do ditador, é a familiar mais próxima que poderia substituí-lo. Ser mulher, porém, a enfraquece no país machista



Choe Ryong-Hae

É o oficial mais graduado e braço-direito de Jong-Un. Em um possível novo governo, teria um papel importante nas decisões

AVIR

governo”, diz Angelo Segrillo, coordenador do Laboratório de Estudos da Ásia (LEA) da USP.

Yo-Jong seria casada com o segundo filho do vice-marechal Choe Ryong-Hae, o oficial mais graduado do país, considerado o braço-direito de Jong-Un. Vice-presidente do Partido dos Trabalhadores e presidente da Assembleia Popular Suprema do país, Ryong-Hae também poderia liderar o novo governo. Independentemente da forma como a sucessão possa ser feita, a comunidade internacional torce para que seja pacífica. Para países vizinhos como a Coreia do Sul e o Japão, a instabilidade poderia provocar ondas imigratórias para seus territórios, gerando novas crises. Já para o resto do mundo, o grande risco se deve ao seu alto poderio militar e às armas nucleares. Afinal, a Coreia do Norte não é apenas um obscuro fóssil ideológico. É uma bomba relógio que pode explodir pelas mãos de um ditador imprevisível, que teima em desafiar o planeta. ■



Hoje tudo
está mais
distante.

AVIR



Erbs Jr.

Estruturas a serviço da saúde.

O Sesc RJ cedeu suas 21 Unidades para o governo do estado utilizar como quiser no combate ao coronavírus.



Hélio Melo

Alimentos para quem precisa.

O Mesa Brasil Sesc RJ continua garantindo a entrega de alimentos para as instituições sociais atendidas.

Acesse o QR code e confira, com exclusividade, tudo que o Sesc RJ faz para você.



Mas o Sesc RJ continua perto de você.

Nesse tempo de pandemia do coronavírus, a sua rotina mudou. E a nossa também, mas nem tanto.

Continuamos desenvolvendo projetos e oferecendo serviços nas áreas de cultura, educação, saúde, lazer e assistência. Por enquanto, não estamos atuando nas nossas 21 Unidades distribuídas por todas as regiões do Estado do Rio nem em espaços públicos, mas criamos iniciativas no ambiente virtual para você ficar #EmCasaComOSesc e curtir a nossa programação com toda tranquilidade e segurança.

A gente continua trabalhando muito para estar sempre perto de você.

AVIR



[sescrj.org.br](https://www.sescrj.org.br)
SescRJ
sescrj
portalsescrj

O MAIOR PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA DO BRASIL.



Corpo e mente em movimento.

Dicas exclusivas de atividades físicas e recreação para todas as idades no ambiente virtual. #EmCasaComOSesc



Para curtir e refletir.

Sugestões de filmes, playlists para todos os gostos e conteúdos exclusivos de projetos culturais nas plataformas digitais. #EmCasaComOSesc

Plataforma de informação

O jornalismo da **Editora Três** sempre contribuiu para o fortalecimento do Brasil. Entregamos aos leitores o acesso completo à informação e opinião, de maneira ágil e precisa, seja pela internet, redes sociais ou na versão impressa. Por isso, para se manter bem informado e capaz de dialogar sobre os conteúdos relevantes para a sociedade, escolha nossas marcas.



www.istoedinheiro.com.br

Única revista semanal de negócios, economia e finanças do País, avaliando e informando sobre tudo o que acontece no mercado.

AVIR



www.istoe.com.br

Uma revista semanal com jornalismo de qualidade, para ajudar o leitor a esclarecer o que é falso e o que é verdadeiro diante dos acontecimentos do Brasil e do mundo.



Siga também pelas redes sociais



Siga pelas redes sociais as notícias de última hora, a atualização dos fatos e novidades quentíssimas a qualquer hora e qualquer lugar.

www.revistamenu.com.br

www.revistaplaneta.com.br

e conteúdo



www.motorshow.com.br

A melhor informação para os apaixonados por velocidade, com notícias sobre os esportes a motor, conselhos para o consumidor e avaliações detalhadas sobre os carros à venda no Brasil.

AVIR

Todas as informações sobre o mundo das artes visuais e cultura contemporânea no Brasil e no mundo, com projeto gráfico ousado.

www.select.art.br

Assine

Seja o primeiro a receber a melhor informação. Assine pelo telefone **(11) 3618-4159** de segunda a sexta-feira das 9h às 18h ou acesse assine3.com.br



www.dinheirorural.com.br

A mais completa revista sobre o agronegócio, informando e contribuindo para fortalecer os empresários e investidores do campo.



Para anunciar

Conecte sua marca ao público mais qualificado do segmento. Entre em contato com nossa equipe e anuncie. **(11) 3618-4269**



ESCAVAÇÃO
Estudantes rebuscaram em 1,7 hectares para encontrar os artefatos de Ziclague, a terra do rei Davi



Os vestígios do **REI DAVI**

ARQUEÓLOGOS ENCONTRAM EVIDÊNCIAS QUE APONTAM PARA O FIM DO MISTÉRIO ENVOLVENDO **ZICLAGUE**, A CIDADE PERDIDA DURANTE SÉCULOS E QUE FOI MORADA DO REI DAVI ANTES DE ELE TORNAR-SE **REI EM HEBRON**

Eudes Lima

O dramaturgo alemão Bertold Brecht ficaria entusiasmado com a descoberta arqueológica de uma estatueta do deus fenício-cananeu Baal. Isto porque, em 1918, Brecht estreou sua primeira peça intitulada "Baal", que tratava da vida mundana na Alemanha e se inspirava no deus da carne, conforme a sua interpretação. O artefato data, provavelmente, entre o século XII e X a.C. e foi encontrado por estudantes numa colaboração, desde 2018, entre a Universidade de Macquarie (Austrália), da Universidade Hebraica de Jerusalém e da Autoridade de Antiguidades de Israel, na cidade de Khirbet el-Rai (Israel). Também foram encontrados dois selos, uma estatueta de bronze de um bezerro e cerâmicas cananeia

filisteia. Em contraste ao deus Baal cultuado durante o período politeísta, a descoberta encerra a polêmica sobre a existência do rei Davi (1040 a.C. e 970 a.C.), importante personagem bíblico que matou Golias em umas das passagens mais heroicas das escrituras religiosas. Todas as evidências apontam para a tese de que a cidade seja Ziclague, que teve seu paradeiro desconhecido por séculos.

A descoberta só foi possível porque uma equipe de 32 estudantes escavou 1,7 hectares (17.000 m²), entre os dias 26 de janeiro e 13 de fevereiro. O trabalho braçal, e ao mesmo tempo especializado e minucioso, foi decisivo para o encontro das preciosidades históricas. Sob sol quente foi preciso escavar, peneirar e descartar inúmeros baldes de terra para chegar aos

objetos. O dr. Gil Davis, diretor do Programa de Israel Antigo da Universidade Macquarie, declarou que é natural ter “grandes esperanças e baixas expectativas, mas é claro que é maravilhoso quando fazemos descobertas emocionantes. Sonhamos em descobrir coisas que mudarão nossa compreensão de uma parte significativa do passado antigo”.

Em outras ocasiões se acreditou que a cidade de Ziclague realmente havia sido encontrada, mas as evidências desta vez são muito mais claras. O sítio arqueológico apresenta significativos indícios como: construções filistinas, um incêndio que coincide com escritos bíblicos (a cidade fora atacada pelos amaquelitas), cerâmicas enterradas como oferendas, embarcações usadas, armazenamento de vinho e óleo, lâmpadas a óleo, santuário portátil, ponta de lança de bronze. Os pesquisadores descobriram que havia uma arquitetura sofisticada com edifícios domésticos e com possíveis conexões internacionais, contrariando a ideia de dispersos assentamentos da época. No próprio assentamento os pesquisadores montaram um laboratório químico para testes preliminares de como identificar, nos resíduos do solo, restos de vinho e óleo, sinais claros de uma civilização.

Ziclague, conforme dados do antigo testamento nos livros de Samuel, abrigou o rei Davi por 14 meses. Sob a proteção do rei filisteu Aquis, Davi se refugiou ao fugir do confronto com o rei Saul. Foi nessa fuga que o jovem Davi matou o gigante Golias. Com a morte do rei Saul, Davi voltou a Hebron, onde se tornou rei e manteve



PERSONAGEM BÍBLICO

O rei Davi era fonte de dúvidas em relação a sua existência



Para historiadores, a descoberta da cidade corrobora os escritos do Antigo Testamento



Davi ficou por 14 meses em Ziclague e depois se tornaria rei em Hebron

GUERREIRO Em fuga, o jovem Davi abate o gigante Golias, com uma atiradeira e uma pedra

Ziclague sob seus domínios no reino de Judá. Historiadores acreditam que Davi tenha governado uma região com cultura sofisticada e arquitetura elaborada, além da adoração monoteísta do deus Javé. A tradição religiosa diz que Davi foi impedido – por Deus – de construir um local para adoração da tábua dos 10 mandamentos de Moisés: o motivo seria o seu envolvimento constante em guerras. Esse desejo de Davi foi realizado mais tarde pelo seu filho, o rei Salomão.

DEUS DAS ORGIAS

A existência do culto a deuses politicamente incorretos era comum no mundo politeísta. Historicamente encontram-se registros do deus Baal em fontes fenícias, cananéias, babilônicas, aramaicas e egípcias.

Cada deus atendia a características específicas e eram conclamados conforme a ocasião.

Ainda assim houve perseguição em Israel aos seus adoradores. Há relatos de que os cultos ao deus Baal eram promovidos com festas orientadas com bebedeira e orgias.

O transe e histeria davam o tom. Era comum durante os cultos se promoverem rituais de sacrifício. O deus pagão atendia por várias características em localidades diversas. Ele podia ser a tempestade ou dominador das águas primitivas e, portanto, referência de um deus da natureza. Podia ser a fertilidade e fecundidade, assumindo tanto o poder para a colheita, quanto para a lascividade, exatamente o lado mais explorado e apreciado pelo poeta alemão Bertold Brecht. ■

BAAL O deus de um período politeísta era apreciado especialmente pelos seus vícios





A MODA ESTÁ VIVA COM COSTANZA PASCOLATO

O MERCADO DE LUXO TEM UMA FAMOSA E CULTA REPRESENTANTE NESSE PERÍODO DE ATIVIDADE ECONÔMICA RESTRITA. A CONSULTORA DE MODA COSTANZA PASCOLATO - QUE EXERCE A ATIVIDADE DE INFLUENCIADORA MUITO ANTES DA EXPLOSÃO DAS MÍDIAS SOCIAIS - UTILIZA SEU INSTAGRAM PARA DIVULGAR ROUPAS E SIMULAR O QUE PODE SER UMA TENDÊNCIA QUE VEIO PARA SER INCORPORADA AO VESTUÁRIO: AS MÁSCARAS.

Larissa Manoela se prepara para estrear na Rede Globo

Criar capas para cada capítulo da história, colando frases e figuras do universo da sua personagem, é a estratégia de estudo adotada pela atriz Larissa Manoela, 19 anos. Recentemente contratada pela Rede Globo, ela será a protagonista da novela “Nos Tempos do Imperador”, que será exibida na faixa das 18 horas. A atriz disse amar seu trabalho: “Atuar é minha paixão e estou aproveitando para estudar e ler os textos. Gosto desse processo de composição da personagem”.





Jennifer Lopez quer comprar um time de beisebol

A cantora Jennifer Lopez e seu marido, Alex Rodrigues, ex-jogador de beisebol, partem para nova aventura. Eles pretendem comprar o time de beisebol New York Mets. O investimento está estimado na casa dos U\$ 2,6 bilhões. Jennifer é entusiasta dos esportes e seria uma importante figura feminina nos negócios.



AVIR



Bianca Rinaldi pelo celular

A Web Série "Home Office", estrelada pela atriz Bianca Rinaldi, 45 anos, tem estreia marcada para o dia 1º de maio no Youtube. A série utiliza a pandemia do coronavírus como pano de fundo para apresentar os desafios de se viver em período de distanciamento social. O roteiro de Emílio Boechat e Marília Toledo conta a história de profissionais de um programa vespertino de TV que buscam se adaptar às novas condições de trabalho. "Vamos apresentar um trabalho alegre", diz ela.

A LETRA INÉDITA DE TOM JOBIM PARA LUMA DE OLIVEIRA

SE TOM JOBIM SE RENDEU A ELA, QUEM SOMOS NÓS PARA CONTESTAR? A EX-MODELO LUMA DE OLIVEIRA, 55 ANOS, REVELOU SOMENTE AGORA O ELOGIO EM FORMA DE LETRA QUE O COMPOSITOR LHE FEZ EM 1989: "MINHA LUMA VERDADEIRA, MULHER BRASILEIRA, TEM SAMBA, TEM GINGA, ELA DANÇA À NOITE INTEIRA, AMA O CARNAVAL, O SUBÚRBIO, O RIO DE JANEIRO, PORQUE LUMA DE OLIVEIRA, É LUMA PRA VIDA INTEIRA". ELA LEMBRA DA DÚVIDA QUE SEMPRE HABITOU O IMAGINÁRIO DE TOM: "A BELEZA E A CLASSE DE LUMA É COISA DE DEUS OU DO DIABO"?

BELLOTO ESCREVE MAIS UM LIVRO

O músico Tony Belloto virou um habitué da cena literária. Mais conhecido pelos shows com a Banda Titãs, o artista lança seu novo livro, "Dom". Trata-se de um romance baseado na história de um jovem da classe média alta que se tornou chefe de quadrilha do Rio de Janeiro. O projeto inicial era de um filme.



Cultura

MÚSICA
EM CASA

MÚSICA

Jazz supremo

Documentários revelam em imagens (e muito som) por que **John Coltrane** e **Miles Davis** continuam sendo os maiores gênios da história do jazz

Felipe Machado

AVIR

JOHN COLTRANE
Epifania e reclusão: inspirações místicas para "A Love Supreme"



No taoísmo, o conceito de Yin e Yang descreve duas forças opostas e complementares. Yin é a noite, a introspecção; Yang é a luz, o sol. John Coltrane e Miles Davis são o Yin e Yang do jazz. Hoje, 51 anos após a morte de Coltrane, fieis e turistas ainda se reúnem todos os domingos para celebrar sua vida e entoar seus mantras e melodias na Igreja de São John Coltrane, em São Francisco. Hoje, 29 anos depois de sua morte, fãs e admiradores também posam ao lado da "Miles Davis Way", rua no bairro nobre de Upper West Side, em Nova York. No mesmo quarteirão, há cinco anos, a vida de Miles ganhava as telas de cinema com o lançamento de "Miles Ahead", estrelado por Don Cheadle e Ethan Hawke.

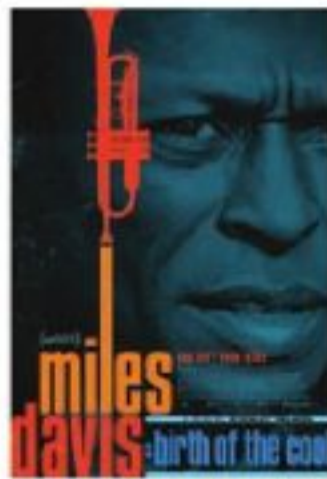
John Coltrane inspirou um culto religioso; Miles Davis virou nome de rua e filme de Hollywood. As homenagens dizem muito sobre a dualidade que separa os dois maiores nomes da história do jazz. Detalhes de suas vidas podem ser vistas - e ouvidas, principalmente - em documentários disponíveis na Netflix: "Miles Davis: Birth of the Cool", de Stanley Nelson, e "Chasing Trane", dirigido por John Scheinfeld. Ambos trazem entrevistas, cenas de arquivo e

narrações em primeira pessoa (a voz rouca de Miles é feita por Carl Lumbly; a de Coltrane, pelo ator Denzel Washington). Apesar da estrutura narrativa bastante semelhante de seus filmes, os dois jazzistas tiveram trajetórias de vida bem diferentes.

Miles e Coltrane nasceram no mesmo ano, 1926, e se apaixonaram desde cedo por seus instrumentos. Miles, pelo trompete; Coltrane, pelo saxofone. Nascido em uma família rica, Miles saiu na frente. Começou a tocar aos 13 anos e, aos 18, já dividia o palco da banda de Billy Eckstine com grandes nomes do "bebop" como Charlie "Bird" Parker e Dizzy Gillespie. Miles se mudou para Nova York - viveu na rua que hoje leva seu nome - e matriculou-se na renomada Juilliard School, onde passava o dia estudando partituras de Stravinsky e Prokofiev. À noite, frequentava os lendários clubes de jazz da Rua 52, em Manhattan. A combinação desses dois mundos gerou um gênio. Logo entrou para a banda de Charlie Parker, um dos saxofonistas mais rápidos da história. Ao não querer - ou não conseguir - tocar tão rápido quanto ele, Miles baixou a velocidade do "bebop" e, com isso, criou o novo estilo que veio a ser chamado depois de "cool jazz". Após uma temporada em Paris, onde teve seu

talento reconhecido pelos novos amigos Pablo Picasso e Jean-Paul Sartre, voltou decidido a revolucionar a música mais uma vez. "Kind of Blue", lançado em 17 de agosto de 1959, é considerado por muitos o maior álbum da história - não apenas do jazz, mas de qualquer estilo musical. No saxofone de "Kind of Blue", outro músico se destacava: John Coltrane.

"Coltrane e Miles são como 'Deus e o Diabo na Terra do Jazz', afirma o músico e produtor João Marcello Bôscoli. "São dois personagens inquietos e, de certa forma, complementares. Enquanto Coltrane era o músico que prezava o ofício, Miles era o artista completo, que cuidava de tudo, da capa do álbum ao visual dos músicos. Ouvir os dois em 'Kind of Blue' é como ver Pelé e Maradona jogando no mesmo time." >>



BIRTH OF THE COOL
Um artista completo: Miles foi pioneiro em diversos estilos



CHASING TRANE
Espiritualidade e misticismo: Coltrane expressava a fé por meio da música



MILES DAVIS
Influências variadas: Da música clássica aos clubes de jazz de Nova York

AS REVOLUÇÕES DE MILES DAVIS

Visionário é pouco:

mestre em observar tendências, ele mudou os rumos da música pelo menos três vezes

TROMPETE

Do cool jazz ao fusion: som único em todas as fases da carreira



Birth of the Cool (1957)

Inventor do “cool jazz”: trocou as aceleradas escalas *up-tempo* do “bebop” por notas longas e frases melódicas



Kind of Blue (1959)

Criador do “jazz modal”: aplicou a teoria de George Russell, que substituiu o tradicional sistema de notas *Dó-Ré-Mi* por novos modos de acordes e escalas



Bitches Brew (1970)

Pioneiro do “fusion”: influenciado por Jimi Hendrix e Sly & the Family Stone, acrescentou o piano elétrico e a guitarra ao seu som característico. Nascia o “jazz rock”

“A atração que Coltrane e Miles ainda exercem hoje vem da música e da atitude revolucionária. ‘Kind of Blue’ e ‘A Love Supreme’ são marcos culturais”

Zuza Homem de Mello, crítico e produtor

Coltrane nasceu em uma família pobre na pequena cidade de Hamlet, Carolina do Norte. A música era uma maneira de esquecer o racismo, assim como eram as forças armadas - logo se alistou para tocar na banda da Marinha. Quando foi dispensado, em 1946, voou direto para Nova York, onde começou a tocar com Dizzy Gillespie e Thelonious Monk. Em 1955, entrou para o quinteto de Miles Davis para gravar álbuns clássicos como “Relaxin” e “Cookin”. Na época, outro ingrediente criava tensões entre os músicos: a heroína. Miles largou a droga em 1955, época em que Coltrane começou a se viciar. Os dois se afastaram. Em 1957, Coltrane abandonou o vício e descobriu a espiritualidade. Virou devoto não apenas do Deus cristão de seus pais, mas “de todas as religiões”, como costumava dizer. No mesmo ano lançou seu primeiro álbum solo pela Prestige Records.

Em 1959, voltou ao estúdio com Miles para gravar “Kind of Blue”. Além de Miles no trompete e Coltrane no saxofone, o sexteto contava com o baterista Jimmy Cobb, o baixista Paul Chambers, o saxofonista Julian “Cannonball” Adderley e o pianista Bill Evans - um verdadeiro “dream team” do jazz. Era um período tão fértil que, entre as duas sessões da gravação, que ocorreram em 2 de março e 22 de abril, Coltrane gravou “Giant Steps”, também considerado um dos melhores álbuns da história do jazz.

Com o sucesso, Coltrane passou a se

dedicar a projetos experimentais. Pesquisou a música africana e a oriental, aguçou a espiritualidade. Em 1965, lançou a obra-prima "A Love Supreme". "Vi Coltrane tocando ao vivo com Thelonious Monk no Five Spot Café e, mais tarde, com Miles Davis no Birdland, ambos em Nova York", lembra o crítico Zuza Homem de Mello. "A atração que Miles e Coltrane ainda exercem no público vem da música sensacional e da atitude revolucionária que sempre apresentaram. 'Kind of Blue' e 'A Love Supreme' são fortes marcos culturais."

MELODIA IMORTAL

Coltrane radicalizou e se tornou adepto do "free jazz", estilo que rompeu com estruturas melódicas e harmônicas. Muita gente achou que tinha enlouquecido, mas ele sabia o que estava fazendo. "Não acredito em músicos que ficam parados. Eu não toco jazz, toco John Coltrane". Morreu pouco depois, de câncer, em 17 de julho de 1967, aos 40 anos. Coltrane não teve tempo de assistir a Miles Davis revolucionar a música novamente, em 1970, com a criação do "fusion" e o álbum "Bitches Brew". Após um período afastado, quando trocou mais uma vez o trompete pela heroína, Miles voltou aos palcos nos anos 1980. Tocou com nomes como Quincy Jones e Prince, mas sua saúde já estava debilitada. Em 28 de setembro de 1991, aos 65 anos, morreu depois de sofrer um AVC. As mortes de Miles Davis e John Coltrane não apagaram a melodia imortal de suas vidas, que continuam presentes e renascem, a cada homenagem, no volume máximo. ■

"Coltrane e Miles são como 'Deus e o Diabo na Terra do Jazz'. O encontro dos dois em 'Kind of Blue' é como Pelé e Maradona jogando no mesmo time"

João Marcello Bôscoli, músico e produtor

O LEGADO DIVINO DE JOHN COLTRANE

"A Love Supreme": genial trilha sonora da espiritualidade que levou o músico a largar o vício em heroína

Em 1964, John Coltrane vivia com a família em uma bucólica casa em Long Island, estado de Nova York. O músico costumava passar longos períodos sozinho no andar superior, comendo pouco e sem falar com ninguém. Alguns dias depois, finalmente desceu as escadas. "A música que quero gravar me veio inteira à cabeça. Pela primeira vez, tenho tudo pronto", disse, ao encontrar a mulher, a pianista Alice Coltrane. Foi uma epifania: alguns meses depois, ele e seu lendário quarteto formado pelo pianista McCoway Tyner, o baixista Jimmy Garrison e o baterista Elvin Jones entravam no estúdio Van Gelder, em Nova Jersey, para fazer história. Composto em formato de suíte, em quatro partes ("Acknowledgement", "Resolution", "Pursuance" e "Psalm" (Reconhecimento, Resolução, Persistência e Salmo), o álbum foi lançado pela Impulse! Records em 1965. Cinco anos depois, já havia vendido 500 mil cópias - bem mais do que os 30 mil que Coltrane estava acostumado a vender na época.

SAXOFONE

Confiança e auto-estima: "Não toco jazz, toco John Coltrane"



O jorro visceral e o fraseado melódico e repleto de emoção não vinham apenas dos longos dedos que tocavam o saxofone, mas de uma alma introspectiva, mística, incapaz de se expressar em palavras. O amor era supremo – e o som, divino.





**THRILLER
PSICOLÓGICO**

Sophie Turner: atriz de "Game of Thrones" é a estrela de "Survive"

DIGITAL

Querida, encolhi Hollywood

Chegou ao País o Quibi, streaming para celular que oferece apenas vídeos com, no máximo, 10 minutos de duração

O cinema encolheu – e isso não é outro efeito colateral do coronavírus. Chegou ao Brasil no início do mês o Quibi, serviço de streaming exclusivo para celular. São filmes e séries com, no máximo, dez minutos de duração. O formato atraiu grandes nomes de Hollywood como os diretores Steven Spielberg, Guillermo Del Toro e Sam Raimi, além de astros da categoria de Chris Rock, Zac Efron e Naomi Watts. O nome "Quibi" vem da junção das palavras "Quick" e "Bites" e significa algo como "mordidinhas rápidas". O destaque vai para a série "Survive", com Corey Hawkins e Sophie Turner, a Sansa Stark de "Games of Thrones". Em episódios diários, a dupla tenta sobreviver a um desastre aéreo que a deixou isolada em uma montanha de neve. A única coisa que não é pequena no Quibi é o investimento: empresas como Disney, Sony Pictures e Warner Bros já colocaram R\$ 9,2 bilhões na plataforma criada pelo ex-presidente da Disney e fundador da Dreamworks, Jeffrey Katzenberg, e Meg Whitman, do site eBay. Na primeira semana, o aplicativo foi baixado 1,7 milhão de vezes. No Brasil, o preço é salgado: a assinatura mensal custa R\$ 32,90, mas é possível fazer um teste de três meses com acesso gratuito.



Nomes de peso no celular

O Quibi permite interações criativas e personalizadas com os usuários. A série de terror "After Dark" (Depois da Escuridão), de Steven Spielberg (foto), por exemplo, vai usar o horário do celular para garantir que os episódios sejam vistos apenas à noite. Em "Thanks a Million", nomes como Jennifer Lopez e Kevin Hart criam uma corrente de doações que beneficia pessoas que ajudaram no início de suas carreiras. Há ainda reality shows e séries, a exemplo de "Fierce Queen", onde a atriz Reesse Whitespace explora as fêmeas no mundo animal, e "Gayme Show", no qual Matt Rogers e Dave Mizzoni apresentam desafios sobre o mundo LGBT.

DIVIRTA-SE

PARA LER

"Os Anos de Chumbo", de Luiz Octavio Lima, traz material inédito sobre o regime militar no País e traça paralelo entre a época e o Brasil de 2020. O livro traz ainda textos de Laurentino Gomes e do filósofo americano Noam Chomsky



PARA VER

Após ganhar o Oscar por "Coringa", Joaquin Phoenix é Jesus em "Maria Madalena", que estreia em 27/4 na Amazon Prime. No personagem-título está a atriz Rooney Mara. Curiosidade: os dois atores começaram a namorar durante as filmagens.



PARA OUVIR

O Gorillaz está de volta com o single "Aries", que tem a participação do lendário Peter Hook, baixista do Joy Division e New Order. A canção é a terceira parte do projeto "Song Machine", onde a banda de personagens animados liderada por Damon Albarn convida outros músicos.



FILME

Ação de tirar o fôlego

Você não vai nem piscar em "O Resgate", primeiro filme do diretor Sam Hargrave. Famoso por seu trabalho com dublês e coordenador das cenas de luta de filmes como "Vingadores: Ultimato" e "Guerra Infinita", ele esbanja talento nas sequências de ação vividas por Tyler Rake, personagem de Chris Hemsworth. A trama do mercenário que tem como missão resgatar o filho de um chefe do tráfico na Índia desencadeia explosões e perseguições alucinantes. O filme é violento e sem muitos diálogos, mas para quem gosta de ação é excelente.

MÚSICA

A ópera-rock do Darkness

Quando o Darkness batizou o álbum de "Easter is Cancelled" (A Páscoa está cancelada), não imaginava que o significado seria literal. "O empresário disse que não passaríamos a data em família porque a turnê seria estendida", lembra o baixista Frankie Poullain. "Mas ela foi adiada pela Covid-19." Em seu sexto álbum, a banda traz uma dramática ópera-rock sobre o papel dos músicos nos dias de hoje. "Odiamos o grunge e as bandas dos anos 1980. Nossa influência vem do rock da década de 1970 e de grupos de comédia como o Monty Python".



AVIR



LIVES DA SEMANA | AO VIVO NA INTERNET

FUNK

Ludmilla



Na sexta-feira (24/4), a cantora faz live às 18h no Youtube para comemorar o aniversário e lançar o novo EP - agora, em vez do funk e rap, ela ataca de pagode.

POP

Melim



Os irmãos Rodrigo, Diogo e Gabriela Melim exibem live no sábado (25/4), às 19h, no Youtube. O repertório inclui sucessos como "Astronauta".

AXÉ

Bell Marques



O líder do Chiclete com Banana canta ao vivo no Youtube às 17h do sábado (25/4). No cardápio da live, "Só as Antigas" dos 40 anos de carreira do cantor baiano.

HEAVY

Metallica



Desde o início da pandemia, a banda americana mostra shows inéditos no Youtube. As "Metallica Mondays" ocorrem toda segunda-feira, às 21h.

SERTANEJO

Luan Santana



A esperada live de Luan Santana acontece no domingo (26/4), às 18h, no Youtube. Batizada de "História", terá cerca de 60 músicas dos seus 12 anos de carreira.

POP

Ivete Sangalo



A cantora baiana será a primeira atração do novo programa "Em Casa", da Globo e Globoplay. Estreia em 25/4, após a novela "Fina Estampa".



UM DELICADO EQUILÍBRIO

Lurdinha é do lar.

Durante os 37 anos casada com Oduvaldo, Lurdinha acordava às 6 da manhã para fazer o café reforçado para o marido, composto por uma média, pão na frigideira com manteiga, geléia e cream cracker.

Oduvaldo, como um relógio bem ajustado, há 37 anos chega à cozinha pontualmente às 6:30, de banho tomado e nó da gravata por fazer, quando Lurdinha está tirando o café.

Ele diz bom dia enquanto termina o nó.

Ela responde e, ainda de penhoar, senta-se ao lado do marido para assisti-lo tomando café enquanto lê o jornal.

Os dois se amam, sem muita vibração, mas se amam.

Ele faz algum comentário sobre as notícias da capa.

Ela responde, quando tem o que responder.

Vinte minutos depois, ele levanta, dá um beijo na bochecha da mulher, e ela está livre para passar o dia como bem entender.

Geralmente, o bem entender consiste em limpar a casa, assistir a Ana Maria Braga enquanto prepara algo para almoço baseado no que sobrou do jantar da véspera.

Durante a tarde, lava e passa se tiver o que lavar e passar.

Ou faz coisas do lar que a gente que não é do lar não sabe o que é. Ou não faz nada, porque ninguém é de ferro.

Até a quarentena começar.

Porque desde que Oduvaldo passou a trabalhar em home office, como chamam na firma, agora deu para acordar às 8:00.

Senta na mesa ainda de pijama e, ao invés de ler o jornal, liga a televisão. Fica ali até o meio dia, assistindo a CNN Brasil, que ele acha melhor que a Globo News.

Na hora do almoço agora deu para reclamar, porque é sobra do jantar da véspera.

À tarde, parece uma sombra, andando atrás da mulher, que para ter alguns minutos de paz, se tranca no banheiro.

A rotina dos dois mudou muito. Para pior, reconhecem. Mas os dois nunca brigam, se amam a maneira deles. Além disso, como sempre foi nos últimos 20 anos, mal se falam.

Mas a quarentena rompeu o delicado equilíbrio da relação.

Lurdinha sofre em admitir, mas não aguenta mais olhar para a cara do marido.

Na segunda-feira, Lurdinha teve um desses pensamentos fugazes, que a gente tem mesmo quando não quer ter.

“Ai meu Deus...esse homem bem que podia pegar o vírus”

Ela pensou e imediatamente se arrependeu.

“Deus que me perdoe... que horror”.

Oduvaldo, no computador, pensou em entrar num site de apostas como às vezes faz no escritório, mas teve medo de ser flagrado por Lurdinha.

A verdade é que a quarentena não está sendo nada como ele imaginou.

Conviver 24 horas com a mulher é muito mais cansativo do que atender os clientes.

Por um segundo, ele também teve um pensamento fugaz.

“Bem que essa aí podia pegar covid.”

Não se arrependeu, mas riu da própria maldade.

“Aff, Oduvaldo. Você não presta”

Essa quarentena estava fazendo pior para o casamento do que o próprio coronavírus.

Educados, os dois conversaram e chegaram à conclusão que precisavam de mais espaço.

Combinaram que, dia sim, dia não, cada um sairia de casa por algumas horas.

Mais uma vítima do coronavírus, um tenro casamento de 37 anos

O combinado não funcionou.

Como não tinham onde ir, já que está tudo fechado e ninguém pode fazer visitas, voltavam depois de 15 ou 20 minutos.

Começaram a ter discussões mais acaloradas.

Lurdinha, que sempre foi uma santa, um dia até deu um grito.

Oduvaldo, que não mata nem mosca, levantou a mão como se fosse pregar um tapa na esposa.

Se controlou a tempo.

Porque se amam do jeito deles.

Os dias foram passando.

Quando estavam a beira de partir para as vias de fato, descobriram uma vacina.

A quarentena acabou.

Voltaram para a rotina de sempre.

Mas o casamento nunca mais foi o mesmo.

Oduvaldo começou a demorar para voltar para casa.

Lurdinha dava graças a Deus.

Seis meses depois, ele pediu o divórcio e ela aceitou.

O coronavírus fez mais duas vítimas.

Vacinadas e tudo.

milk & mellow

DELIVERY



Burguers e Shakes preparados e enviados
com todo o cuidado que
você merece!

Peça pelo: **11 4118.7878**
www.milkmellow.com.br



GET IT ON
Google Play



Download on the
App Store

FOLHA DE S. PAULO

BR Partners lidera mercado brasileiro de fusões e aquisições em 2019

Foram 24 acordos que movimentaram mais de US\$ 21 bilhões, de acordo com a Bloomberg

transnacional GNP Assurances, o BR Partners, do banqueiro Ricardo Lacerda, atingiu o primeiro lugar em ranking

ativa da BR Partners, banco de investimento que fez o maior volume de transações de M&A no ano passado, somente as privatizações podem movimentar entre R\$ 80 bilhões e R\$ 100 bilhões em 2020.

de fusões e aquisições no Brasil. No ano, a casa, no total, de 23 transações somaram US\$ 21,4

O ESTADO DE S. PAULO

VALOR ECONÔMICO

AVIR

Nossa isenção e profundo conhecimento do mercado nos fizeram líderes mais uma vez nos principais rankings entre os bancos de investimento.

Acesse: brap.com.br

 BR PARTNERS